

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – MESTRADO

VINICIUS NOGUEIRA GASPAR

**AS PRÁTICAS ESPORTIVAS NA ORLA DE VITÓRIA-ES: UM ESTUDO ENTRE
PRATICANTES DE FUTEVÔLEI E FUTEBOL**

VITÓRIA

2015

VINICIUS NOGUEIRA GASPAR

**AS PRÁTICAS ESPORTIVAS NA ORLA DE VITÓRIA-ES: UM ESTUDO ENTRE
PRATICANTES DE FUTEVÔLEI E FUTEBOL**

Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de mestre em Educação Física.

Orientador: Felipe Quintão de Almeida

VITÓRIA

2015

À minha família

AGRADECIMENTO

Ainda que eu tivesse mais de cem páginas para este fim e um incrível poder de síntese, muito faltaria para que eu conseguisse agradecer todos os esforços feitos pela Dona Carmen e pelo Seu Gaspar para que eu aqui estivesse. Todas as minhas pequenas conquistas são para vocês. Amo-os com toda força que tenho!

Agradeço também ao Seu Rey, amigo, parceiro de conversa, conselheiro, ídolo e que por uma incrível sorte minha, também é meu avô. Velho Rey, se eu conseguir um dia construir uma família que me admire metade do que você é admirado pela nossa, serei o homem mais feliz da terra. O mesmo para a Dona Nairinha, por todo o carinho e incentivo ao netinho. Obrigado Vó!

Fica também, o meu agradecimento ao Fabrício, meu irmão e mais antigo amigo. O companheirismo e a presença, mesmo que distante fisicamente algumas vezes, sempre me foram de suma importância. Estaremos sempre juntos. Obrigado por tudo!

Agradeço à minha irmã caçula Larissa, espero que esta minha pequena conquista seja também espelho para sua trajetória acadêmica.

Agradeço aos meus tios e tias, Rosane e Roberto pela amizade, carinho e acolhimento. Devo muito do que sou a vocês. Eliane e Angelina por todo o incentivo e Maria pelo papel de quase avó. Estendo os agradecimentos a todos os primos e de modo especial à Ranuza e Mariana que considero como irmãs.

Agradeço aos meus bons e velhos Amigos de Guarapa; Murilo, Rodrigo, Rafael, Marcio, Gustavo, Roger, Victor, Josias, Alessandro, Allan e de outros lugares, entre eles, Wagner, Kelton, Angelo, Bernardo, Thiago e Fabiano. Carrego sempre um pouco do que aprendi com cada um.

Fica o meu agradecimento à todos do LESEF, grupo que me acolheu e que muito me orgulho de fazer parte. Principalmente pela qualidade e humildade dos seus líderes. Ficarão comigo os exemplos de extrema dedicação que pude presenciar ali.

Agradeço ao Otávio Tavares e Ivan Gomes pela leitura atenta no processo de qualificação e também pelo incentivo, respeito e retidão que sempre me trataram.

Agradeço aos meus colegas de turma e de Ufes e de maneira especial à Fernanda, Sayo, Thácia, Thaise, Lorena, Lívia, Vitão e Bruninho.

Fica aqui, meu agradecimento a todos que conheci e fizeram parte da minha vida nestes dois anos e que tenho certeza que levarei a amizade e o carinho. Entre eles, Tarcísio, Lucas, Marcos, Roberto e de maneira especial à Marina, que tanto me dedicou apoio e afeição nos últimos tempos.

Por fim, agradeço de modo especial ao meu orientador Felipe Quintão, uma incrível figura que, apesar de todas as obrigações profissionais e pessoais, sempre se dedicou ao máximo para me auxiliar da melhor maneira possível. Saio do “processo mestrado” com mais essa amizade.

RESUMO

De dentro de dois grupos de práticas esportivas da orla de Vitória-ES, um de futevôlei e um de futebol, este estudo vem discutir este *esporte* tão presente em nossos cotidianos. Das observações feitas nos grupos através de uma abordagem etnográfica, buscou-se compreender as características das práticas pesquisadas e analisá-las utilizando como referências os estudos que trataram do tema e/ou que percorreram caminhos semelhantes ao desta investigação. A partir dos cadernos de descrição dos campos e das entrevistas, foi possível demonstrar como esses grupos se organizam, suas estratégias de manutenção ao longo do tempo e as relações entre o esporte por eles praticado e o esporte em sua forma institucionalizada. Essas observações serviram como base para respondermos a questão norteadora do estudo; é possível pensar o esporte como algo com características definitivas? Identificou-se que, se assumirmos as definições expostas em alguns estudos para o esporte, estaremos excluindo muitas das características dos grupos desta pesquisa. Resultado que corrobora com as considerações propostas por outros estudos que apresentam o universo esportivo com características cada vez mais diversas e com variadas possibilidades de apropriações singulares.

Palavras-chave: Esporte. Lazer. Praia. Etnografia. Futebol. Futevôlei.

ABSTRACT

From within two groups of sports practices at Vitória's beachfront - one of foot volleyball and another of soccer - this paper aims to discuss this sport which is so present in our daily lives. The groups were observed through an ethnographic approach in order to understand the characteristics of the surveyed practices and also to analyze them based on the studies that dealt with the subject and /or reached similar paths to this investigation. Based on the fields and interviews' description notebooks, it was possible to demonstrate how these groups are organized, their strategy maintenance over time and the relationships between the sport practiced by them and the sport in its institutionalized form. These observations served as the basis to answer the main question of the study: Is it possible to think of sport as something with definite characteristics? It was identified that, if we assume the definitions exposed in some studies, many of the groups' characteristics from this research will be excluded. Thus it confirms the considerations proposed by other studies that present the sporting universe with increasingly diverse features and assorted possibilities of singular appropriations.

Key Words: Sports. Beach. Ethnographia. Soccer. Foot volleyball

Lista de Quadros e Gráficos

Quadro 1: As sete características do esporte moderno apresentadas por Guttman (1978).....	20
Gráfico 1: A transformação no esporte de Puig & Heinemann(1991).....	25
Quadro 2: Apresentação dos Sujeitos do Grupo Futevôlei.....	31
Quadro 3: Apresentação dos Sujeitos do Grupo Futebol.....	33
Quadro 4: Alterações nas regras e adaptações prioritárias do Grupo Futevôlei.....	51
Quadro 5: Alterações nas regras e adaptações prioritárias do Grupo Futebol.....	70

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa do bairro em que ocorre a prática do Grupo Futevôlei.....	40
Figura 2: Vista aérea matinal da praia de Camburi.....	41
Figura 3: Pessoas caminhando no calçadão de Camburi.....	41
Figura 4: Vista aérea matinal da praia de Camburi.....	41
Figura 5: Utilização do calçadão de Camburi para práticas esportivas.....	41
Figura 6: Mapa do bairro em que ocorre o Grupo Futebol.....	42
Figura 7: Vista aérea matinal do bairro em que ocorre o Grupo Futebol.....	43
Figura 8: Praças de lazer e arborização próximas aos equipamentos esportivos do Grupo Futebol.....	43
Figura 9: Clube dos Oficiais.....	44
Figura 10: Foto em um dia que cheguei após o início no Grupo Futevôlei.....	56
Figura 11: Aglomeração típica antes do início dos jogos no grupo futebol.....	57
Figura 12: Grupo Futebol já em novo local de prática.....	65

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	91
Roteiro de Entrevista.....	92
Entrevistas Transcritas.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Apresentação e elementos que caracterizam a investigação.....	12
CAPÍTULO 1	16
Esporte e Sociedade: revisão.....	16
Metodologia.....	28
Cidade: espaços e lugares.....	36
Vitória e os bairros da pesquisa	39
CAPÍTULO 2.1	44
Entrada no grupo futevôlei e descrição etnográfica.....	44
Regras, Arbitragem e Modus Operandi.....	51
CAPÍTULO 2.2	57
Entrada no Grupo Futebol e descrição etnográfica.....	57
Regras, Arbitragem e Modus Operandi.....	67
CAPÍTULO 3	74
Sintetizando: comparações e análises.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	86

Apresentação e elementos que caracterizam a investigação

Do interior de dois grupos de práticas esportivas na orla de Vitória-ES, um de futevôlei e um de futebol, esta pesquisa vem discutir uma gama de práticas tão presente na vida moderna. Amplamente difundido em nossa sociedade, o esporte deixou de ser tratado como um tema menor pelas Ciências Sociais e começou a ser analisado com a importância de um fenômeno sociocultural que perpassa pelos diversos setores da sociedade. Praticantes e não praticantes a todo o momento veem suas dinâmicas sociais influenciadas por esse conjunto de práticas corporais.¹ Não são poucas às vezes em que estamos expostos a uma conversa sobre os resultados esportivos, a apelos publicitários que utilizam atletas como validadores de determinado produto/serviço, a convites para práticas com os amigos e a diversas outras tantas maneiras. As práticas esportivas viraram um fenômeno que possuem lógica própria de disseminação de suas representações simbólicas. Suas características estão diretamente ligadas ao contexto cultural, ideológico, político e social.

Bracht (1997), ao analisar esse fenômeno, diz que, após seu surgimento, o esporte tornou-se expressão hegemônica no contexto das práticas corporais de movimento. Essa hegemonia afirmada nos atenta à necessidade de observação deste não exclusivamente como uma forma de atividade regulamentada, pautada por balizadores de realização e com motivações unitárias. É plausível que, com tamanho apelo, diferentes sujeitos possuam motivações diversificadas para suas práticas esportivas.

Apesar disso, Stigger (2002), ao analisar a produção científica da área, aponta como principais teorizações acerca do esporte as teorias que o atribuem apenas virtudes, de uma forma ingênua e descontextualizada, e as que o interpretam apenas como resultados do processo de industrialização da sociedade, da dominação do capital e da ideologia dominante. Teorias essas que acabam por não atender, por exemplo, a necessidade de maior conhecimento de grupos que o inserem em suas vidas com o objetivo de práticas de lazer. Grupos esses que possuem uma dinâmica relacional com o esporte e entre seus praticantes

¹ Assumiremos para o termo *práticas corporais* uma delimitação arbitrária que Filho *et al.* (2010) mostra ser a mais utilizada para as produções acadêmicas da educação, educação física, ciências sociais aplicadas, antropologia, artes e psicologia. Nela o termo é definido como expressão que indica diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações culturais, como: atividades motoras, de lazer, ginástica, esporte, artes, recreação, exercícios, dança, jogos, lutas, capoeira e circo.

que permitem a formação de uma vasta gama de sentidos e ressignificações que, investigados, podem trazer a tona uma nova forma de se pensar a produção da área.

Para Elias e Dunning (1992), o esporte pode ser utilizado como uma espécie de laboratório “natural” para a exploração de propriedades das relações sociais. Nesse sentido, nos últimos anos, intensificou-se a produção científica que busca adentrar a esses grupos e colocar em evidência debates que, até então, eram tratados com importância menor. Estudos que seguem uma linha de produção sociológica que procura entender as dinâmicas sociais macros inseridos em microgrupos.

Dessa maneira, para contextualizar o objeto de investigação da pesquisa, é preciso situar historicamente a inserção do esporte nas cidades brasileiras, não com o intuito de uma retomada histórica detalhada, mas, sim, como pano de fundo para o entendimento dos aspectos sociais que marcaram o início dessas práticas. Lucena (2001), em seu livro *O Esporte na Cidade*, nos mostra que o processo de origem das estruturas do que mais tarde viria se tornar o(s) esporte(s) como conhecemos hoje, estava diretamente ligado aos movimentos de urbanização da sociedade. Se no século XVIII a revolução industrial exigiu uma drástica mudança nas formas de moradia das populações, o século seguinte, já com novos grupos sociais emergentes bem definidos, produziu uma nova maneira de diferenciação das recentes elites para as camadas populares. Era preciso se diferenciar usando os novos elementos da sociedade urbana e industrializada. Lucena (2001) ainda nos afirma que o esporte não era previsto para atender os ensejos de grandes contingentes populacionais. Ao contrário, só poderiam ser praticados pelas elites burguesas e urbanas. Exigia, então, que esses praticantes fossem incutidos de um espírito de competição e busca pela excelência. Tudo sem deixar de promover a busca pelo autocontrole que diferenciaria os membros das elites. As atividades recreativas deveriam respeitar e fomentar a lógica da modernidade capitalista.

No Brasil do final do século XIX e início do século XX este processo ganha ainda mais força ao encontrar uma sociedade em que as elites ansiavam por criar novas formas de se sociabilizar. Era preciso se desvencilhar do passado escravocrata e definir padrões sociais que não fossem pautados na antiga tradição colonial. Melo (2009) salienta que, como se tratava de uma manifestação cultural importada, que chegava com os ventos de modernização que sopravam fundamentalmente do continente europeu, a prática esportiva adquiriu em terras brasileiras contornos peculiares tanto em função das diferentes naturezas de contato

com o exterior, quanto devido aos diálogos estabelecidos com as especificidades locais. Especificidades essas que massificaram o esporte de uma forma peculiar ao processo de popularização ocorrido em outros países. Não nos adentraremos ao desenrolar histórico que nos trouxe ao estágio atual; entretanto, é preciso que se recorde alguns aspectos que funcionaram como definidores dos caminhos traçados. A sociedade brasileira passou por importantes momentos de tensão social, que envolveram a apropriação e ressignificação do esporte para as camadas populares. Silva (2002) nos mostra uma sequência de fatos que culminou na inserção dos negros em partidas de futebol. Segundo Gonçalves (2002), o esporte foi diversas vezes utilizado como meio de promoção política, chegando a ser tratado como forma de educação dos corpos brasileiros para o desenvolvimento da Nação. O conjunto desses aspectos e outros tantos não menos importantes, mas não citados, transformou a importância do esporte na sociedade brasileira.

É preciso, então, atenção científica a algo tão presente em nosso cotidiano. As pesquisas que demonstraremos no tópico *Esporte e sociedade: revisão* já nos alertam aos importantes aspectos para o entendimento da inserção e reflexos do esporte nas sociedades contemporâneas e nos possibilitam uma grande variedade de vertentes e possibilidades de aprofundamentos teóricos.

E é nesse viés que este estudo se insere; o caminho escolhido não foi apenas o de uma análise amparada em observações macros dos fenômenos sociais. As escolhas metodológicas e as dinâmicas dos contextos pesquisados traçaram um caminho de imersão nos grupos escolhidos. Pautaram-se as observações com estudos de pesquisadores que se distanciaram do “objeto”, mas também com os que estabeleceram como prioridades para seus entendimentos, a inserção nesse universo que tem sua versão hegemônica difundida globalmente, mas que analisados em um plano local podem apresentar expressões cada vez mais particulares em seus praticantes.

Então, durante os acontecimentos da realidade empírica e a partir das análises apresentadas, a pesquisa objetivou elucidar as seguintes questões; é possível que se assumo o esporte como algo com características definitivas? As diferentes facetas em que o esporte se apresenta na sociedade carregam o mesmo conjunto de sentidos e significados aos sujeitos que nele se inserem? Ao aproximarmos dessas respostas, estamos também compreendendo que esporte é esse que está tão presente nos aglomerados urbanos, mas que não estão ligados diretamente às formas tradicionais clubistas e/ou institucionalizadas por órgãos reguladores.

Para atingir o objetivo acima proposto, outras questões acabaram por se responder no desenrolar do processo de pesquisa, foram elas: 1- Como se organizam os grupos de práticas esportivas estudados? 2- Quais as estratégias de manutenção, ao longo do tempo, por eles utilizadas? 3- Qual a relação estabelecida para o grupo entre o esporte em sua forma institucionalizada e o esporte por eles praticado?

Ciente das dificuldades em estabelecer respostas exatas às questões propostas, utilizaremos, em todos os momentos do texto, passagens ocorridas durante às práticas que ajudem a esclarecer as diversas possibilidades de entendimento que cada ação contém, articulando essa complexa rede de fatos, posteriormente, a referenciais teóricos e a percepção e análises do pesquisador imerso.

O texto está organizado com o intuito de, no capítulo 1, introduzir o leitor as discussões sobre as produções científicas do esporte, através de uma revisão de literatura que demonstre outras pesquisas e suas considerações que, de alguma forma, se assemelham ou contribuam para as discussões subsequentes. Além disso, discorre sobre o método utilizado, aproximando o leitor dos sujeitos que aparecerão no decorrer do texto e de como a pesquisa se operacionalizou, demonstrando as características da cidade e dos bairros em que os grupos realizam suas práticas.

No capítulo 2, o estudo apresenta as entradas nos grupos pesquisados e descrições do cotidiano dos mesmos. Neste momento o foco se volta para o detalhamento dos funcionamentos operacionais e ocorrências relacionais com o intuito de aproximar o leitor das realidades encontradas. Ainda no segundo capítulo, o estudo apresenta as regras de arbitragem dos jogos, categorizando os motivos para cada alteração dessas regras do esporte em sua versão institucionalizada para as praticadas pelos grupos.

Com os grupos já apresentados, o capítulo 3 sintetiza as principais observações comparando os grupos da pesquisa entre eles próprios e também com grupos de outras pesquisas semelhantes e autores que discutem a inserção do esporte na sociedade, utilizados no capítulo de revisão.

Para terminar, o tópico *considerações finais* apresenta uma visão geral da pesquisa fortalecendo suas conclusões e demonstrando novas possibilidades e limites.

CAPÍTULO 1

Esporte e Sociedade: revisão

Comparado a outros campos dos estudos sociológicos, a Sociologia do Esporte parece ainda engatinhar quanto à legitimação nas diversas áreas em que possui interface. Sua recente constituição, se confrontadas a outras áreas de estudo, oferece uma ampla possibilidade de formulação de investigações diversas; entretanto, apesar do pouco tempo de debate, algumas viradas epistêmicas são de grande relevância para que acompanhem as movimentações teóricas. Lovisolo (2002), ao falar das viradas argumentativas passadas pela Sociologia do Esporte, divide as produções em duas perspectivas: *iluminista crítica* e *romântica*. Segundo o autor, a primeira, fortemente influenciada pelo marxismo e pela Escola de Frankfurt, tratava o esporte como terreno fértil para a propagação de relações sociais de produção de poder entre as classes. A segunda, apoiada pela perspectiva de entender o esporte a partir dos que estão inseridos, o tratou como espaço para formação de expressão identitária e cultural. Nesta perspectiva, alguns autores também buscaram estabelecer formas de análise específicas para o esporte.

Elias & Dunning (1992), em “A busca da excitação”, propõem o entendimento do significado social de uma forma empírica e multidisciplinar. Os autores desenvolvem uma discussão sobre as atividades de lazer nas sociedades complexas; para eles, essas atividades levam os sujeitos a uma excitação agradável que, com o advento da industrialização, praticamente se extinguiu. A busca da excitação nos esportes acontece, então, através de uma junção de normas civilizatórias e práticas miméticas que simulam as sensações vividas no mundo real sem os riscos inerentes as mesmas. Este é um claro contraponto aos estudos que tratam o lazer apenas como momento de não-trabalho e fuga das tensões provenientes dos momentos de atividades laborais. O lazer funciona como um espaço controlado e para a busca dessa excitação. Os autores afirmam:

Disputas esportivas que trazem em sua essência simulações de confronto entre grupos rivais parecem ser as que mais causam excitação nos indivíduos, potencializando as emoções envolvidas nestas disputas. O clima

de ‘guerra’ que pode surgir em alguns tipos de esportes leva a pensar num dilema que é como conciliar a busca da excitação gerada por um processo agradável de descontrole e a necessidade de dispositivos de vigilância no sentido de manter esta excitação sob controle.

Já Bourdieu (1990), em “Coisas ditas”, escreve sobre um programa para a Sociologia do Esporte, onde defende que o foco deve estar em compreender a relação entre as práticas esportivas, a posição social de seus praticantes e os significados por eles atribuídos. O esporte, então, é tratado como um *campo*, ou seja, como espaço autônomo de interações, disputas e posições. Essa forma de analisar é originada de uma proposta do autor, em que diz que o esporte deve ser pensado através da tríade composta pelo já citado *campo*, pelo *capital*, que conceitua como todo o recurso ou poder utilizado manifestado em uma atividade social e pelo *habitus*. Para exemplificar este último conceito, o autor dedica atenção às experiências sociais formadoras de novas ações e percepções.

As posturas antagônicas que dividem as produções acadêmicas também são descritas por Bracht (2002, p. 192), que divide a Sociologia do Esporte em:

a) a perspectiva de que o esporte moderno é um mero reflexo das estruturas mais amplas que caracterizam a sociedade moderna, ou, no viés marxista, como reflexo da sociedade industrial capitalista; b) como mundo próprio, como que transcendendo todas as formas de organização social, como constante antropológica. Estas duas perspectivas também são perpassadas por uma discussão teórica que diz respeito à relação entre o particular e o geral, diz respeito à autonomia de fenômenos sociais particulares ante o poder determinante das estruturas sociais mais amplas. Tende-se a oscilar entre as visões simplistas do reflexo e da autonomia absoluta. É uma disputa sem fim. Por um lado as análises estruturais identificando características comuns no desenvolvimento do esporte, e como esse esporte absorve e repete os valores, os princípios estruturantes da sociedade moderna (capitalista e socialista), e por outro, contrapondo-se a essas análises, estudos mostrando ritmos culturais próprios, significações, ressignificações divergentes presentes no fenômeno esportivo. Às tentativas de homogeneização do conceito de esporte, contrapõem-se os exemplos de sua diversidade e polissemia.

Existe, então, uma clara tensão dicotômica. O esporte deve ser analisado a partir de um distanciamento, evitando, assim, os efeitos por ele provocados como alienação e controle, ou quanto mais perto estivermos do nosso objeto melhor o entenderemos? O próprio Bracht (2003), ao analisar as duas perspectivas, disse estar inclinado a vê-las mais como

complementares do que como antagônicas, alertando, ainda, para a necessidade de se enfrentar as dificuldades relacionadas a uma não-polarização. Essas dificuldades também não passaram despercebidas pelas análises do Lovisolo (2002); para ele, alguns autores buscam o que seria uma terceira via, que é conciliar as duas perspectivas se situando dentro e fora ao mesmo tempo do objeto de estudo, o que, segundo ele, resulta em um processo de conciliação de valores inconciliáveis.

É sem dúvida a busca dessa conciliação o maior desafio aos que se propõem pesquisar sobre o que o esporte se tornou e está se tornando, posto que se mantém em constante modificação. Na busca por essas formas de compreensão, a ininterrupta modificação dos contextos sociais tem influência direta nas tensões estabelecidas entre o que faz parte das concepções clássicas do que é o esporte e as novas demandas surgidas.

Bracht (1997), que em Seu livro *Sociologia Crítica do Esporte*, revê as diferentes abordagens sociológicas e filosóficas presentes na literatura, buscando fazer a crítica da crítica através das teorias bases. Para operar a discussão, o autor assume as limitações de conceitos na forma de “tipos ideias” e estabelece um esquema dual: *esporte de alto rendimento ou espetáculo* e *esporte enquanto atividade de lazer*. Bracht se fundamenta em Digel (1986) que caracteriza o esporte rendimento ou espetáculo através dos seguintes pontos:

- possui um aparato para a procura de talentos normalmente financiado pelo Estado. Além disso, este aparato promove o desenvolvimento tecnológico, com o desenvolvimento de aparelhos para a utilização ótima do “material humano”;
- possui um pequeno número de atletas, que têm o esporte como principal ocupação;
- possui uma massa consumidora que financia parte do esporte-espetáculo;
- os meios de comunicação de massa são co-organizadores do esporte espetáculo;
- possui um sistema de gratificação que varia em função do sistema político-societal.

Em um esforço de síntese, Bracht salienta que o esporte é imediatamente transformado em mercadoria e assume as características dos empreendimentos do setor produtivo, ou seja, com proprietários e vendedores de força de trabalho, submetido às leis do

mercado. Para o autor, em linhas gerais, é o *esporte de rendimento ou espetáculo* que fornece modelo de atividade para grande parte do *esporte enquanto atividade de lazer*. Entretanto, o que diferencia o *esporte enquanto atividade de lazer* do primeiro é que enquanto o primeiro circunscreve o praticante em universo próximo ao do trabalho, o outro está inserido no não trabalho e possui outros códigos capazes de orientar as ações, como, motivos ligados à saúde, ao prazer e à sociabilidade.

Vale ressaltar que apesar de o autor observar as características de diferenciação entre os dois grupos de “esportes” por ele mencionados, em todo o momento, salienta para as inter-relações presentes entre os mesmos e para uma espécie de relação hierárquica entre os modelos anteriormente citados. Entre outras formas de relação entre os grupos, Bracht destaca uma espécie de socialização para o consumo do esporte e de seus subprodutos e incorporação de práticas corporais a um processo de esportivização.

Outro pesquisador que apresentou uma discussão sobre as características do esporte foi o americano Alenn Guttmann. Em seu estudo *Do ritual ao record* de 1978, o autor, com o intuito de distinguir o que o esporte moderno apresentava de diferente do *esporte* de outros contextos históricos, exhibe como referência sete características:

- Secularismo - o esporte moderno é uma prática *secular*, ou seja, desvinculada de cerimônias ou festas religiosas, com as quais estavam relacionadas muitas outras atividades esportivas anteriores a ele.
- Igualdade – no esporte moderno, todos os indivíduos (independentemente de classe social, idade, sexo etc.) têm igualmente o direito de competir e em igualdade de condições, sendo que muitos regulamentos são desenvolvidos para que isso seja garantido.
- Especialização – o esporte moderno é marcado por uma lógica em que a especialização de papéis e o profissionalismo são inevitáveis, o que se relaciona com as funções dos jogadores, com as regras, com a divisão do trabalho e com a especialização de profissões a ele ligadas.
- Racionalização – o esporte moderno é vinculado a uma racionalidade que estabelece relações entre *meios e fins*, o que se expressaria na criação e evolução das regras bastante explícitas e capazes de garantir alguma previsibilidade às competições, assim como na criação de tecnologias

(equipamentos, métodos de treinamento etc.), que visam alcançar determinados objetivos.

- Organização burocrática – o esporte moderno é realizado dentro de um sistema de organização (com hierarquia, funções e etc.) de competições em diversos níveis (local, nacional e internacional).
- Quantificação – o esporte moderno – coerente com o *modus vivendi* da sociedade moderna – caracteriza-se por transformar todas as façanhas atléticas em algo que possa ser quantificado e medido (número de pontos ou golos, medidas de tempo e distância), sobre o que inúmeros exemplos poderiam ser citados;
- *Record* – no esporte moderno aparece o *record*, como uma combinação do impulso para a quantificação com o desejo de vitória, ligado à ideia de comparação e progresso (é possível haver a competição entre pessoas sem a necessidade de encontro em algum lugar ou tempo; a cada aperfeiçoamento pode haver outro acima).

O autor, então, busca analisar as particularidades dos *esportes* de outras épocas e averiguar se estão conditos com cada uma das sete características, por ele definidas, do esporte moderno. Ao realizar o resgate histórico e em algumas vezes esbarrar nas limitações de não enquadramento de determinadas manifestações esportivas nas categorias propostas, o autor apresenta a seguinte quadro:

	ESPORTES PRIMITIVOS	ESPORTES GREGOS	ESPORTES ROMANOS	ESPORTES MEDIEVAIS	ESPORTES MODERNOS
SECULARIDADE	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim
IGUALDADE	Não	Sim e Não	Sim e Não	Não	Sim
ESPECIALIZAÇÃO	Não	Sim	Sim	Não	Sim
RACIONALIZAÇÃO	Não	Sim	Sim	Não	Sim
BUROCRACIA	Não	Sim e Não	Sim	Não	Sim
QUANTIFICAÇÃO	Não	Não	Sim e Não	Não	Sim
RECORDES	Não	Não	Não	Não	Sim

Quadro 1: Guttman (1978)

O modelo construído por Guttmann é definidor quanto ao que ele apresenta como esporte moderno, entretanto, Pilatti (2002), em seu texto *Guttmann e o tipo ideal do esporte moderno*, apresenta alguns limites desse modelo. Segundo o autor, o esporte-espetáculo não aparece suficientemente adequado ao modelo. Pillati alerta que uma apreciação de caráter dual, onde se apresenta uma característica-padrão para o esporte moderno, não atende a algumas características de esportes de épocas anteriores (esportes não-modernos) que não estavam totalmente ausentes e nem totalmente presentes. O que vai ao encontro do raciocínio apresentado por Proni (1998):

Nota-se que uma das características mais marcantes da sociedade modernas – o elevado grau de mercantilização das relações sociais – não tem lugar de destaque nesse modelo analítico. A justificativa de Guttmann é que a comercialização dos espetáculos esportivos e a profissionalização dos atletas seriam fenômenos específicos do esporte em países de economia capitalista, não se verificando em nações socialistas. Como ele pretendia elaborar uma interpretação do esporte moderno que aprendesse as características básicas essencialmente invariantes –ou seja, que pudessem ser encontradas em maior ou menor grau em qualquer sociedade do século XX, independentemente do tipo de regime político ou desenvolvimento econômico-, a mercantilização não poderia ser incluída entre as categorias centrais que conformam o seu modelo.[..]

O modelo de Guttmann preocupa-se em caracterizar os esportes de alto rendimento, não se aplicando adequadamente ao esportes praticados atualmente em escolas, universidades, clubes associativos, etc. Nesse sentido, não fica claro se as formas ditas “modernas” da prática esportiva (caracterizadas por aqueles sete atributos enumerados) estariam convivendo com formas “pretéritas” (nas quais não há necessidade de burocracia, produção de estatísticas ou preocupação com recordes); se existem distintos graus de incorporação da ‘modernidade’ ao universo das práticas esportivas; ou se os esportes modernos são exclusivamente aqueles que visam o alto rendimento.

Nesta mesma linha, Richard Mandel (1986), em *História Cultural del Deporte*, parte da perspectiva de que o esporte moderno é fruto de nossa época. Para o autor, não é uma coincidência que o esporte como conhecemos tenha aparecido de forma concomitante com as novas estruturas industriais inglesas. O esporte, assim como a nova sociedade inglesa, apresentava forte ligação a aspectos como a racionalização, a padronização, ao cálculo e a mensuração. Segundo Mandel (1986):

Os esportes ingleses, então, sustentaram, reforçaram e refletiram os pressupostos fundamentais que eram necessários para manter um consenso público quando o povo e a cultura local foram desenraizados. Eles serviram de base à disciplina social requerida para a sujeição ao trabalho industrial. [...] Embora seja verdadeiro que milhões de trabalhadores industriais foram

mantidos afastados de qualquer espécie de recreação pela semana de 6 dias e pelo dia de 12 horas, grande número de artesãos, negociantes, supervisores, empreendedores, estudantes e diletantes abraçaram os novos esportes, não mais restritos a locais específicos. Eles procuravam prêmios, fama e prazer como participantes; divertimento como espectadores. O esporte não só facilitou, mas realmente promoveu a adaptação mental do conjunto da população para as demandas do mundo moderno.

Convergindo com Guttmann (1978), porém sem utilizar a ideia de tipos ideais, Mandel fortalece o argumento de que o esporte não é mero produto da Revolução Industrial, mas, sim, fruto de uma série de mudanças culturais que instituíram esse novo modelo de práticas corporais.

Já Tubino (1987), ao propor uma Teoria Geral do Esporte, divide seu estudo em sete partes. Para começar, o autor busca fundamentar, através de uma discussão com os estudos de Ueberhorst (1973), Diem (1966), Ulmann (1965) e Eppensteiner (1973), a origem do esporte moderno. Após apresentar os diferentes pensamentos, extrai três pontos comuns presentes nos estudos dos autores:

- a) que o componente psicossocial fundamental do esporte é o caráter competitivo;
- b) que o esporte, desde o início colocado sempre na perspectiva do progresso do homem, necessita de uma visão interdisciplinar;
- c) que o esporte moderno, ao delimitar-se pelas regulamentações e codificações, supõe um autocontrole, que se constitui num dos princípios básicos da convivência humana.

Para prosseguir, na segunda e terceira parte, o autor desenvolve uma discussão sobre a evolução do conceito esporte e aponta tratamentos dados ao termo em diferentes países. Para Tubino, a maior amplitude do conceito de esporte proposto pelo *Manifesto do Esporte* e reforçado pela *Carta Européia de Esporte Para Todos*, fez com que fossem absorvidas todas as formas de movimento físico que se vinculam à recreação e a condição física. O esporte passar a ter uma renovada interpretação em que o bem estar e a participação assumem um papel central e o esporte de alto rendimento passa a ser tratado mais como um trabalho.

Na quarta parte, o autor apresenta os documentos filosóficos internacionais surgidos a partir da década de 1960 e reforça o impacto desses documentos na ampliação do conceito de esporte e na educação física. Os quatro documentos citados são:

- a) Manifesto Mundial do Esporte; pelo CIEPS (1964);

- b) Carta Européia de Esporte Para Todos, pelo Conselho da Europa (1966);
- c) Manifesto da Educação Física, pela FIEP (1970);
- d) Carta Internacional de Educação Física e Esporte, pela UNESCO (1978).

Tubino cita Costa Ferreira (1985), para demonstrar o caráter vanguardista das entidades ao propor uma nova forma de pensar a educação e o esporte, sem deixar de respeitar o passado até então posto. Por fim, na quinta, sexta e sétima parte, o autor se debruça na função social do esporte, sua inserção na sociedade e nos estados contemporâneos. E utiliza Prieto (1979) para separar a análise da importância social do esporte em duas partes: a) como fenômeno social e universal, onde o esporte se constitui nas relações entre grupo sociais urbanos e contribui nas combinações de trabalho e vida e; b) como instrumento de saúde e lazer buscando amenizar os efeitos negativos da sociedade atual.

Já Gaya (2004), em capítulo do livro *Desporto para Crianças e Jovens: Razões e Finalidades*, apresenta uma tentativa de identificar o esporte como polimorfo e polissêmico, mas concomitantemente alega que não haverá esporte sem que estejam presentes a preocupação com o regulamento, com o rendimento corporal e a competição. E ainda o divide em quatro categorias definidoras: esporte de alto rendimento, esporte escolar, esporte de lazer e esporte de reabilitação e reeducação. O próprio autor assinala que percorre caminho tortuoso e cheio de armadilhas ao tentar estabelecer as conjecturas teóricas que façam a ideia antes pautada de pluralidade, convergir com os entendimentos das categorias propostas.

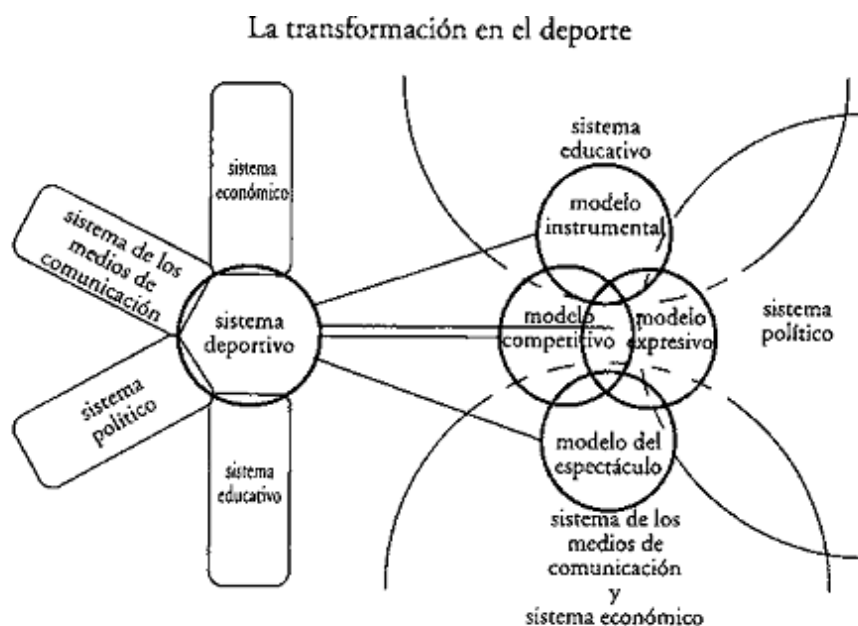
Queirós (2002), no texto *Para um novo enquadramento axiológico na participação de crianças e jovens no desporto*, evoca a velocidade com que as mudanças de valoração ocorrem em nossos tempos para alertar a necessidade de permanente reflexão dos agentes intervenientes do esporte. Para a autora, o esporte enquanto atividade humana, desenvolvido à luz de princípios, se vê pautado por um quadro de valores momentaneamente estabelecido. Por isso, então, o enquadramento axiológico social é tão importante e não permite predefinições e concepções estabelecidas. A autora cita Fernandez-Balboa (1997) ao dizer que as áreas que se relacionam com o movimento humano, onde se inclui necessariamente o esporte, não estão isoladas do contexto social, político e cultural, mas, pelo contrário, estão muito relacionadas e afetadas por ele. E acrescenta que é fundamental permanecer investigando quais mudanças de sentido, entendimento, de valores e de motivos determinam o desenvolvimento do esporte atual.

Utilizando o referencial habermasiano, Almeida (2011) apresenta o termo *Mundo da Vida* cunhado por Habermas em sua publicação de 1987, denominada *Teoria da Ação Comunicativa*, como o armazém do saber humano, local de desenvolvimento da sociedade e da sua produção simbólica, que representa estruturas normativas, subjetivas, objetivas e associativas fundamentais para a consolidação da vida em sociedade. Outro conceito utilizado de Habermas (1987) é o de *Sistema*, que para o autor é formulado pela perspectiva de ganhos sobre o outro, a partir da colonização do Mundo da Vida e é dividido entre Sistema Dinheiro, Mercado e Sistema Poder, Estado. O esporte, então, é tratado como parte do Mundo da Vida e aponta em uma direção de complexificação sistêmica. Sob esta ótica, o esporte pode ser percebido em diferentes dimensões: como prática no espaço de relações espontâneas (Mundo da Vida); ensinado na escola e sancionado pelas instituições burocráticas (sistema Poder); e, ainda, como esporte de massa, que reflete um sistema industrial em desenvolvimento, que tem base no fetiche, na mercantilização das relações bem como no consumo (Sistema Dinheiro).

Esta apropriação do Mundo da Vida pelos Sistemas citados, segundo o autor, parece causar, desde a constituição da sociedade moderna, uma luta diária com a indústria cultural, procurando incorporar a tecnologia e reconvertê-la em um instrumento de uma sociabilidade espontânea ou autêntica. Os esportes praticados casualmente e não comprometido com resultados se tornam uma figura dessa resistência as apropriações anteriormente citadas.

Nesse sentido, Puig e Heinemann (1991), ao atentarem para a importância dos contextos para as análises, fazem o exercício de polarização do sistema esportivo não com intuito de se posicionarem em um dos polos propostos, mas como tentativa de facilitar o entendimento das complexas redes de interfaces em que este se encontra imerso. Em texto denominado *El deporte em la perspectiva del año 2000*, os autores propõem uma reflexão sobre o desenrolar histórico esportivo, buscando projetar o futuro do esporte na sociedade moderna. De antemão, o posicionam como um sistema aberto e justificam que a todo o momento aparecem novas práticas que são rapidamente absorvidas. Ou seja, é necessário levá-las em consideração já que entendem o esporte como fenômeno cultural e, portanto, passível as transformações dos contextos. Para demonstrar que o esporte deixou de ser um sistema autônomo e que aponta cada vez mais a um processo de diversificação, os autores apresentam uma divisão em quatro diferentes modelos: **instrumental**, **competitivo**, **espetáculo** e **expressivo**:

Gráfico 1



No modelo instrumental temos as empresas comerciais, como as academias e seus aparelhos de musculação. Está diretamente associado à ideia de cultivo de um corpo tido como ideal. Já no competitivo, estão os esportes com regulamentação universal, uniformidade nas composições de valores e estruturas organizativas fundamentadas em clubes. O modelo profissional tem submissão direta às leis de mercado. Possui como características a busca pelo lucro e um aporte estrutural próprio como, federações, comitês disciplinares, controle antidoping e equipes de arbitragem. Os três modelos anteriormente citados estão intrinsecamente ligados às representações características das estruturas das sociedades industriais capitalistas. Já o modelo expressivo, segundo os autores, é fruto de uma mudança de valores nas sociedades modernas e englobam práticas escassamente organizadas, o que favorece a inovação e as diferentes significações atribuídas.

Em 1991, os autores já nos apresentavam os modelos acima citados, mas alertavam para a submissão destes para as mudanças ocorridas em outros sistemas sociais como, econômico, político e educativo.

Aproximando-nos das estratégias metodológicas que utilizaremos nessa pesquisa, podemos citar outras importantes análises e discussões sobre a anunciada heterogeneidade do

fenômeno esportivo que se originaram a partir da inserção do pesquisador em grupos de práticas esportivas. Divido estas pesquisas em duas vertentes: a primeira que relaciona as características das sociabilidades encontradas em pequenos grupos, com os aspectos maiores que marcam os entendimentos sobre o esporte na sociedade contemporânea. O olhar de dentro do grupo busca apresentar material para análise do esporte em escala macro.

Por exemplo, inserido em grupos de futebol e vôlei, Stigger (2002) nos mostrava as diversificadas motivações que levavam os sujeitos para as práticas esportivas em Portugal. Após uma apresentação de estudos que, segundo ele, tratam o esporte com uma visão homogênea, como Bouet (1968), Brohm (1976), Guttmann (1978) e Mandell (1986), o autor traça um caminho de busca das características que apresentam o categorizar em um posicionamento contrário, o da heterogeneidade. Para tal, se apoia nas obras de Elias e Dunning (1992); Pociello (1981); Bourdieu (1990) e Padiglione (1995) para, a partir daí, demonstrar a intenção de compreender o esporte em sua expressão particular, vendo-o como uma prática social inserida no âmbito do lazer e como elemento constitutivo dos estilos de vida. Com características estruturais completamente diversas, os grupos, do Castelo, Caídos na Praia e Anônimos foram os escolhidos para sua pesquisa. O grupo do Castelo possuía uma sobrevivência de mais de quatro décadas, já à época da pesquisa, e acontecia duas vezes por semana em um espaço à beira mar da cidade do Porto. Sem normas rígidas, mas com um núcleo duro e liderança bem estabelecidos. Já o Caídos na Praia, fundado em 1925, possui estrutura administrativa formal com rotatividade de cargos, eventos pré-estabelecidos e normas rígidas de condutas. Bem diferente do Anônimos, que são pessoas que com alguma regularidade frequentam um espaço público para jogar futebol, mesmo sem saber com quem e de que modo. Com essa diversidade de estrutura organizativa das práticas investigadas, Stigger constatou que, apesar das distinções entre os grupos, uma característica permanecia inalterada: os integrantes de um mesmo grupo apresentavam indicadores de motivações diversos para sua manutenção na prática.

Outras pesquisas seguem caminho parecido, como Silva (2011), apoiado nesta mesma vertente, busca contextualizar os meandros do futebol amador em tempos de atenções midiáticas destinadas quase que exclusivamente ao esporte profissional. Caminho que também percorreu de forma próxima Nori (1998), ao analisar as contradições e ambiguidades do esporte de dentro de grupos esportivos nas praias de Santos. Ou Miskiw (2012), que de dentro de um circuito de futebol amador em Porto Alegre, identificou um paradoxo entre um

desejo dos praticantes de que os grupos funcionem de uma forma relativamente fechada e um movimento natural de hibridização, de mistura, que possibilita o engendramento de diferentes trajetórias de vidas. Estudo semelhante ao de Espaggiari (2009) que, em um bairro periférico de São Paulo, reflete sobre as políticas públicas de esporte e as redes de sociabilidade que se desenvolvem a partir das práticas. Ou Magnani (1996), que traça um paralelo entre os espaços municipais oferecidos as dinâmicas urbanas de lazer e o praticar esportivo. Outro importante estudo foi o do francês Loic Wacquant, “Notas etnográficas de um aprendiz de boxe”, que buscava do entendimento das dinâmicas sociais de uma comunidade através da inserção em um ginásio de boxe. Suas notas e análise sobre os fenômenos ocorrentes, além de referência no campo teórico, são também instigadoras para os que se propõe a adentrar as práticas e as comunidades.

Na segunda vertente se avolumam pesquisas que, apesar de igualmente terem como objeto os pequenos grupos e buscarem o entendimento dos impactos desse particular praticar esportivo nas sociedades, tem suas observações voltadas, prioritariamente, à descrição, interpretação e análise das redes de relacionamento que acontecem em seu interior. Feitosa (2011), ao adentrar a um grupo de futebol em um bairro de Fortaleza, se deparou com uma intrínseca rede de relações que marcavam os momentos de expressividade e engenho simbólico das diferenciações sociais de seus participantes. Outro trabalho que também se debruçou sobre as redes de relações formadas a partir do esporte foi o de Gastaldo (2006), que ao definir uma importante combinação de amizade e antagonismo entre os participantes, descreve o convívio como relação jocosa e teatralizada, mas que, contrapondo-se a uma pretensa hostilidade, aponta uma real amizade. Nascimento (2010) descreveu a organização e as formas de interação social dos integrantes de uma torcida organizada de futebol. Caminho semelhante ao de Stabelini (2014), que visa destacar as formas de sociabilidades presentes em um grupo de praticantes de skate que percorre um circuito local de atividades.

As polarizações e teorias de análise, mesmo provenientes de abstrações e tentativas de categorização, somadas aos posicionamentos dos autores anteriormente citados, apontam para uma heterogeneidade cada vez mais constante e exigente. O problema reside em buscar entendimento sobre os impactos produzidos pelo fenômeno esportivo na sociedade, ao mesmo tempo em que esta se modifica e altera a complexa rede de engendramentos em que o esporte está inserido.

Metodologia

O estudo tem caráter qualitativo, que segundo Denzin e Lincoln (2006), é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Com o intuito de se inserir no universo particular que a pesquisa visa atender, um grupo de futebol e um grupo futevôlei da orla de Vitória-ES, utilizaremos uma abordagem etnográfica. Um dos precursores da etnografia, Malinowski, em seu livro *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, de 1922, detalhou uma nova forma de produzir pesquisas que passaram a buscar a compreensão das sociedades a partir da visão dos que nela vivem. Para ele, o pesquisador deve observar participando, com o intuito de se aproximar dos contextos microssociológicos e, assim, entender a relação dos sujeitos com o todo social.

A pesquisa, então, teve a possibilidade de uma investigação que submete o pesquisador ao contexto cultural que o grupo vivencia em suas atividades. Rowland (1997) diz que é por este motivo que os estudos etnográficos não podem ser meras descrições de um fenômeno cultural a partir do discurso nativo. Estes estudos devem ir além disso, sendo traduções da cultura investigada para a linguagem do investigador, que deve ser portador de um aparelho conceitual especializado e de outros conhecimentos a respeito da temática em pauta. Para Matos (2001), a descrição mais completa possível depende da qualidade de observação, da sensibilidade em relação ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo, por isso ele deve se preparar para executar sua tarefa, que, em primeiro lugar, é um trabalho científico que requer habilidades e competências de pesquisador para definir o que deve e o que não de ser escrito sobre o evento, sobre as pessoas, sobre a comunidade pesquisada.

Nesse sentido, estabeleceu-se uma linha procedimental; em um primeiro momento, definimos que gostaríamos de tratar de uma vertente amplamente difundida e que se constitui como presença notável na vida de grande parcela da população. A prática esportiva em grupo, em local público, que aconteça com regularidade e não esteja vinculada a nenhuma obrigatoriedade como aulas de caráter imprescindível e programas de saúde de empresas.

Para Habermas (2003), chamamos de "locais públicos" certos locais que, em contraposição as sociedades fechadas, são acessíveis a qualquer um. O que, em suma, nos permite dizer que supostamente estamos em um ambiente em que nenhuma pessoa tem restrição de acesso exclusivamente por pertencer a uma classe social financeiramente menos favorecida. Por isso, sujeitos envolvidos não teriam qualquer impedimento de ordem financeira para frequentar a prática (pagamento de entrada e/ou mensalidades). Outro fator que levamos em consideração para a escolha dos grupos foi a regularidade das práticas. Essa frequência foi imprescindível para que existisse a possibilidade de um pesquisar por período de tempo que correspondesse às necessidades da pesquisa e que pudesse ser estendido caso aparecessem novos questionamentos. Por fim, as práticas não deveriam estar vinculadas a nenhuma atividade obrigatória para que se pudesse observar as diferentes motivações do praticar esportivo sem nenhuma ligação a necessidade de manutenção do trabalho.

Os esportes escolhidos para a pesquisa foram o futebol e o futevôlei. Segundo Caldas (1986), o futebol é visto por muitos estudiosos como uma das três maiores expressões de nosso povo, ao lado da religião católica e do samba. Falar sobre esse esporte com outras pessoas é também um evento socializador e um acontecimento social. Já o futevôlei, dissidente das práticas de futebol na praia, de acordo com Souza e Galatti (2008), só foi criado em 1965, por praticantes que, para fugir da proibição policial de bater bola, pelada ou linha de passe na praia, resolveram jogar em uma quadra de vôlei. E ainda se encontra em estágio inicial de legitimação no imaginário esportivo social. Temos, então, dois grupos de práticas esportivas distintos. Enquanto o futebol, amplamente difundido e praticado por grande parcela da sociedade, possui vasta investigação sobre sua vertente profissional e, nos últimos anos, também é alvo de estudos que o enfocam com caráter antropológico, sociológico e histórico de suas práticas nos mais diversos ambientes e momentos, futevôlei é ainda desconhecido de grande parcela da população e possui um número reduzido de pesquisas, tanto nas esferas competitivas, de lazer e históricas. Concomitante a esse momento de definições, procuramos trabalhos semelhantes e autores que referenciavam estas pesquisas, visando o fortalecimento do aparelho conceitual.

Sem a pretensão de estabelecer uma pesquisa cartográfica, utilizo como estratégias principais para o processo de entrada nos campos e prosseguimento nos grupos pesquisados o que Kastrup (2007) define como as quatro variedades da atenção do pesquisador cartógrafo: rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

No *rastreio*, o cartógrafo faz uma varredura no campo. Visa uma espécie de meta ou alvo móvel, ou seja, entra no campo sem saber ao certo o que se procura. No *toque*, ocorrem os primeiros vislumbres e o que é notado pode tornar-se fonte de dispersão, mas também de alerta. Começa a possibilitar o processo de produção do conhecimento sem abrir mão da imprevisibilidade do campo. O *pouso* indica que a atenção estará voltada a algum tema, em uma espécie de “zoom”. Entretanto, os outros temas não serão esquecidos e continuarão tendo observação do pesquisador. Por fim, o reconhecimento atento é o momento em que o pesquisador reconduz a atenção ao objeto, a fim de destacar seus contornos singulares. É por esse caminho que conduzo nossa atenção aos grupos pesquisados.

No *rastreio* a divulgação do desejo de praticar alguma atividade esportiva em grupo, a pessoas próximas e moradores do bairro, e o mapeamento dessas práticas com o intuito de pedir para participar quando o grupo parecesse cumprir os requisitos previamente estabelecidos. Os processos de entrada nas práticas e o desenrolar da inserção nos grupos serão detalhados nos capítulos posteriores.

No *toque*, tive a imersão nos grupos, o foco esteve em descrevê-los densamente, abrindo, assim, a possibilidade para formulação de hipóteses para as questões direcionadoras da pesquisa e entendimentos dos fenômenos ocorrentes.

No *pouso*, decidi dar foco as motivações e significados atribuídos às práticas por seus participantes, com o intuito de conhecer que esporte era esse que fazia com que esses sujeitos saíssem de suas casas e compromissos sem que tivessem nenhum fator coercitivo para se juntarem através dessas práticas.

E no reconhecimento atento voltei minhas atenções às análises e observações das realidades por mim encontradas nos grupos pesquisados tomando como base os estudos citados no capítulo *Esporte e Sociedade: revisão*.

Como estratégia de operacionalização da pesquisa, foi utilizado, prioritariamente, o diário de campo. Todos os dias após as práticas ou eventos ligados aos grupos foram feitos registros que, arquivados, serviram de referencial para a descrição estruturada e análises. Outros métodos também foram utilizados, caso das fotos que aparecem com finalidade ilustrativa no decorrer do texto e das entrevistas que amparam as observações feitas. Nos quadros seguintes, temos uma rápida apresentação dos sujeitos mencionados nas descrições.

Grupo Futevôlei	
Sujeito	Apresentação
Coronel	Coronel aposentado da polícia, 57 anos e aparência jovial, um dos fundadores, é o líder do grupo mesmo que não admita. Toma as decisões quando ocorrem impasses, organiza os times a montagem e desmontagem da estrutura, mora em um prédio próximo, localizado na avenida Dante Michelini.
Marcelo	Empresário e estudante de pós-graduação na Universidade Federal do Espírito Santo, 38 anos, vindo de uma cidade do interior do Estado (Castelo) para o período de estudos, entrou no grupo após reencontrar um antigo amigo; Aguiar, um dos integrantes que o convidou para iniciar na prática.
Aguiar	Subtenente da polícia militar, 39 anos, entrou no grupo por convite de companheiros de trabalho que já eram integrantes. Um dos mais competitivos, por diversas vezes o vi envolvido em discussões com adversários e companheiros de equipe.
Barata	Empresário, 54 anos, morador de um bairro próximo (Mata da Praia). Sempre vai para a prática com seu filho de 14 anos. Está um longo período sem poder jogar devido a uma lesão no joelho, entretanto, continua frequentado para, segundo ele, assistir seu filho jogar e encontrar os amigos.
Danilo	Membro da Polícia Militar, 46 anos, foi transferido pelo trabalho para o interior do Estado após 2 meses de minha entrada no grupo e não apareceu mais para as práticas.
Luiz	Taxista, 53 anos, um dos mais extrovertidos, entrou para o grupo após parar para assistir a uma partida enquanto caminhava pelo calçadão e pedir para jogar.
Jair	Funcionário da Vale do Rio Doce, 45 anos, entrou no grupo após o convite de um amigo que já não o frequenta mais. Com pouquíssima mobilidade devido ao sobrepeso, mora em um bairro próximo

	(Jardim da Penha).
Pará	Amigo antigo de alguns integrantes do grupo, aparenta ter entre 40 e 50 anos. Freqüentador esporádico, não possui regularidade, entretanto é reconhecido como membro pelos que integram o grupo.
Palmito	Um dos fundadores do grupo, aposentados pela Polícia Militar, possui 65 anos, sempre um dos primeiros a chegar, ajuda o Coronel no trabalho de organização das práticas. Por diversas vezes sai das partidas para fumar.
Gamarra	Amigo antigo de alguns integrantes do grupo; não possui regularidade de freqüência. Aparenta ter entre 50 e 60 anos.
Mergulhador	Jogava Frescobol antes de começar a integrar o grupo, apresentou um rápido desenvolvimento na modalidade. Trabalha como mergulhador e possui 42 anos.
Oliveira	Trabalha como despachante e possui por volta de 50 anos. Freqüenta o local mas não pratica o o futevôlei.

Quadro 2: Sujeitos Grupo Futevôlei

O Grupo Futevôlei foi o primeiro que me inseri para esta pesquisa; foram 33 dias de observações, do dia 21 de maio de 2013 ao dia 28 de outubro de 2014. Descontados os dias de chuva em que a prática não acontecia, feriados e eventos na praia que ocupavam o espaço da quadra, tive presença constante e regular de membro ativo.

Após o término das observações, estava mais claro para mim como os participantes, acabam por incluir em suas rotinas o tempo destinado ao grupo. Ainda é possível encontrá-los reunidos no mesmo local e horário e observando as estratégias de manutenção e condução do grupo, arrisco dizer que assim será por ainda muitos anos.

A descrição que o leitor encontrará nas próximas páginas é um retrato momentâneo tirado pela minha “lente”. Algumas das observações poderiam ter sido relatadas de outra forma, caso tivéssemos um observador diferente, mas julgo que obteríamos respostas semelhantes para as questões anteriormente citadas e que trataremos mais tarde no momento

das análises. Pretendo voltar à prática com o grupo, não com tanta regularidade, mas de forma semelhante a alguns frequentadores esporádicos que narrei na descrição.

Grupo Futebol	
Sujeito	Apresentação
Ademar	Funcionário de uma empresa de transporte de carga, 58 anos, mora em um bairro periférico da capital (Andorinhas). É o líder do grupo, cuida de toda a organização, execução, manutenção e arregimentação de integrantes para a prática.
Thomaz	Comerciante, 43 anos, divide com Ademar algumas responsabilidades de organização do grupo.
Felipe	Ajudante de açougueiro, 18 anos, morador de Cariacica, município vizinho a Vitória. Reconhecido pelo grupo como excelente jogador. Já jogou em equipes das categorias de base da Desportiva Ferroviária. ²
Roberto	Comerciante, 50 anos, morador de um bairro próximo ao campo (Barro Vermelho). Apesar de morar próximo, sempre chega de carro e vestido com roupas de marcas esportivas internacionais.
	Embalador de compras em um grande supermercado da capital; 22 anos morador de uma comunidade localizada no centro de

² Importante clube do futebol profissional capixaba. Chegou a integrar a primeira divisão do futebol brasileiro quando ainda era ligado Companhia Vale do Rio Doce.

Joilson	Vitória (Morro do Alagoano). O Campo onde a prática se realiza se localiza no caminho entre seu trabalho e casa.
Fernando	Não é frequentador assíduo do grupo. Aparenta ter entre 20 a 25 anos.
Alessandro	Representante Comercial, 33 anos. É um dos que ajuda na organização das equipes.
Carlos	Trabalha em uma empresa de logística em Cariacica, possui por volta de 50 anos e Largou a prática quando a mudança de local se oficializou.
Silva	55 anos, bem magro e introvertido. Também largou a prática quando houve a mudança de local.
Pimenta	42 anos, gerente em uma loja de instalação de som automotivo.
Igor	Por diversas vezes se mostrou muito nervoso e competitivo, possui por volta de 28 anos.
Bernardo	Mineiro de sotaque forte, torcedor fanático do Atlético e representante comercial.

Quadro 3: Sujeitos Grupo Futebol

O grupo futebol foi o que me causou mais apreensão quanto à impossibilidade de uma observação com qualidade. Alguns fatos, que aparecerão no decorrer do texto, como a parada para reforma do campo, os dias que o grupo estava com o número de integrantes reduzidos e os problemas de adaptação ao novo local de prática, me fizeram temer pela perda da possibilidade de investigação. Entretanto, os esforços de dois importantes líderes, Ademar e Thomaz, foram preponderantes para o prosseguimento da prática e todas as atribuições enriqueceram as descrições e possibilidades de análises. O grupo exigiu uma dedicação maior, já que seus integrantes não possuem tanta intimidade uns com os outros, se comparado ao Grupo Futevôlei. Para conseguir as informações estive que estar mais ativo nos questionamentos do que no grupo anterior. No total, estive em 26 dias de prática e também devido às dificuldades em se arrumar novos membros frequentes, fui rapidamente tratado

como um de dentro e logo estava à vontade. Minha melhor prática no futebol do que no futevôlei também contribuiu, não só quanto ao recebimento dos integrantes do grupo, mas também por um posicionamento mais calmo de minha parte. Estava em um grupo mais parecido com outros que já havia frequentado, com uma média de idade mais próxima da minha e em um esporte que tenho mais domínio. Por isso, neste grupo, minha preocupação para não me esquecer da minha posição de pesquisador era maior. Senti que era mais fácil nele, me envolver com as práticas de uma maneira que as observações poderiam ficar comprometidas.

Cidade: espaços e lugares

Os espaços urbanos se tornaram grandes concentradores populacionais, culturais e de suas manifestações. Mudanças nas novas estruturas políticas e econômicas criaram a necessidade de polos de produção e circulação de mercadorias, de base para as organizações de comando e de sistemas de mediação e justiça, resultando, assim, em um cenário de ampliação gradativa das cidades e diminuição populacional e territorial das áreas rurais.

Em uníssono a todas essas mudanças, está o aparecimento de novas problemáticas decorrentes dessa profunda transformação no modo de viver dos sujeitos. Nesse sentido, morar em uma cidade é fazer parte dos processos supracitados, como trabalhar, consumir e participar de organizações sociais. A apropriação dos espaços urbanos ganha novos significados. Sobre essa apropriação, Carlos (2001) diz:

O espaço apropriável para a vida (...) o bairro, a praça, a rua, o pequeno e restrito comércio que pipoca na metrópole, aproximando seus moradores que podem ser mais do que pontos de troca de mercadorias, pois criam possibilidades de encontro e uma significação como elementos de sociabilidade (...) as relações de vizinhança, o ato de ir às compras, o caminhar, o encontro, os jogos, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida (...) laços profundos de identidade habitante-lugar, lugares que ganham o significado dado pelo uso marcado pela presença.

Essa nova forma de se relacionar com os espaços gera, também, mudanças importantes em como estes se configuram. Augé (2003), em seu livro, *Não lugares. Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*, enumera três características comuns ao *lugar antropológico*: ele é identitário, relacional e histórico. O que significa dizer que o *lugar* é constitutivo da identidade individual dos sujeitos, abre espaço para uma coexistência e uma configuração espontânea de posições e devido a uma estabilidade mínima, conjugando identidade e relação, é necessariamente histórico. Segundo sua hipótese, a supermodernidade, que ele trata como acentuação e excesso das particularidades da modernidade, é cada vez mais produtora de *não-lugares*, que se caracterizam pela circulação acelerada de pessoas e bens; são as vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos, centros comerciais e outros. Os não-lugares se apresentam como espaços que, por algum motivo, se tornaram ou foram

criados com caráter exclusivamente transitório. Sua defesa é de que a sociedade atual é cada vez mais geradora de não-lugares; entretanto, algumas mudanças nas formas de viver nos aglomerados urbanos podem alterar essa tendência.

Assumiremos, para o prosseguimento da pesquisa, que a partir dos conceito de Augé, as orlas investigadas são grandes espaços que se preenchem com diversos lugares antropológicos na medida em que oportunizam as dinâmicas relacionais e criam relações históricas e indentitárias aos sujeitos que a frequentam. O que nos faz refletir sobre o que tem feito com que esses sujeitos, mesmo atarefados pelas obrigações cotidianas de trabalho, da família e de outras, frequentem esses grupos de práticas esportivas. Para nos ajudar a pensar no que tem se alterado nas formas de viver dos sujeitos, que criam a possibilidade de transformação desses *espaços* em *lugares*, daremos atenção ao que Dumazedier (1994), em seu livro *A revolução cultural do tempo livre*, trata como aumento constante do tempo livre dos sujeitos. O francês, reconhecido por seus pensamentos sociológicos sobre o tempo livre e o lazer, começa o estudo com a tentativa de mostrar aos leitores que, de forma silenciosa, nas últimas décadas, temos convivido com uma revolução que fez com que grande parte dos sujeitos da sociedade aumentasse consideravelmente o que no estudo se considera tempo livre, ou seja, como um tempo de expressão de si mesmo. Entretanto, nos alerta, que o tema vem sendo negligenciado pelos principais sistemas da Sociologia.

Para exemplificar, o autor nos lança uma questão que se deparou em diferentes meios: Como se falar de tempo livre quando milhares de solicitações de empregos não são atendidas? Questão que é prontamente respondida de forma nada prolixa: “*é precisamente no momento em que a taxa de desemprego aumenta bruscamente que o interesse dos sociólogos, educadores e políticos deveria voltar-se para os problemas sociais trazidos cada vez mais pelo aumento do tempo livre.*” Dumazedier ainda cita as crises cíclicas do mercado capitalista que perturbam o desenvolvimento da sociedade industrial, explicando de maneira sucinta como o superávit de produção gerado pelo progresso tecnológico desencadeia um número de demissões que fazem se avolumar as discussões entre o patronato e os trabalhadores sobre as questões morais e políticas. Essas discussões acabam por gerar pressões que se tornam projetos de lei que, posteriormente, são votados e diminuem a carga horária de trabalho.

Com a carga horária de trabalho cada vez menor, mesmo os trabalhadores menos abastados possuem três momentos de possibilidades de lazer. As noites, os fins de semana e as férias permitem uma nova forma de se viver, até mesmo em sociedades urbanas menos

desenvolvidas. Surgem então, novos problemas sociais decorrentes dessa profunda transformação dos estilos de vida dos sujeitos.

O autor aprofunda algumas dessas transformações com o intuito de se aproximar da extensão e dos limites das mudanças de valores causadas pelo aumento do tempo livre. Se na década de 1960 a Sociologia do Lazer já mostrava a importância do lazer para a recuperação da fadiga, liberação do tédio e para o resgate das forças criativas, surgiu também um questionamento que evidenciava uma posição temerária quanto a esse ganho de tempo social para si próprio. O aumento do tempo destinado as “escolhas” dos sujeitos poderia criar o que alguns pensadores trataram como “desengajamento social”. Proposição que também parece preocupar Dumazedier, mas que ele trata imediatamente de enfraquecer, mostrando aos leitores outro viés do fenômeno: a valorização da autonomia e uma liberação gradual das limitações impostas aos sujeitos pelos pesos dos trabalhos e das instituições normativas que estavam inseridos. Partindo dessas discussões, o autor exemplifica essas relações ao mesmo tempo antagônicas e entrelaçadas, como as festas de antigamente e o modelo de festa das sociedades atuais. E chega ao que chama de “tripla renovação dos valores sociais”. 1- A relação do homem consigo mesmo mudou, já que se conquistou um espaço de expressão livre e individual. 2- A relação com o outro mudou. As relações sociais espontâneas estão mais flexíveis. 3- A relação com a natureza mudou. O domínio fabril sobre a natureza perde espaço para aspiração coletiva de, no tempo livre, viver uma relação de simbiose com os elementos naturais.

Esses aspectos além de influenciar os grupos pesquisados e as relações estabelecidas por eles com seus tempos disponíveis e com os locais das práticas, também acabam por influenciar a minha rotina e por consequência minhas observações. Para Velho (2002), em seu texto “Antropologia e cidade”, é um desafio para o pesquisador estudar sua própria sociedade já que é preciso que este tenha que lidar com indivíduos e grupos com os quais tem relações sociais ainda que indiretas. Durante todo tempo da pesquisa, morei sempre a menos de 5 quilômetros de distância dos 2 locais das práticas. O que me fez estar ainda mais atento as necessidades de equilíbrio entre distanciamento/proximidade e familiaridade/estranhamento indispensáveis para o desenrolar do estudo.

Para prosseguirmos, nos aproximaremos dos aspectos que configuram a cidade local da investigação, e um desses polos onde os fenômenos provenientes das transformações citadas por Dumazedier ganham força.

Vitória – ES e os bairros das práticas

A cidade de Vitória, Capital do Espírito Santo, tem história semelhante a outras Capitais brasileiras; seu crescimento industrializado e veloz gerou desigualdades nas estruturas de moradia. Siqueira (2001) diz que, a partir das décadas de 1960 e 1970, o processo de ocupação de Vitória tornou-se mais rápido e intenso, iniciando assim uma transformação e descaracterização do espaço geofísico da cidade. Fala, também, sobre a diferenciação espacial e social, que obrigou a população de baixa renda a ocupar áreas periféricas, sem qualquer infraestrutura urbana ou condições mínimas de habitação, ficando para as áreas litorâneas as melhores condições de vida. O estudo *Processo de urbanização, estrutura demográfica e violência: análise no Espírito Santo e Vitória*, do Instituto Jones dos Santos Neves, sobre o processo de urbanização e estrutura demográfica da cidade de Vitória, relaciona os diversos trajetos que de alguma forma contribuíram para a ocupação desigual dos espaços urbanos e para a propagação da violência. Segundo o estudo, o percentual da população urbana capixaba passou de 29,2%, em 1960, para 79,5, no ano 2000. As mudanças estruturais provenientes do crescimento econômico foram desvinculadas do desenvolvimento social, o que ainda hoje reflete nos desequilíbrios que compõe o espaço urbano de Vitória. Esses desequilíbrios aparecerão em alguns momentos no desenrolar da pesquisa e com o intuito de aproximar o leitor da realidade dos bairros pesquisados, mas sem deixar de levar em consideração o contexto mais amplo da cidade, faremos uma breve análise sobre os dois bairros em que os grupos realizam suas práticas.

Se alguns integrantes dos grupos pesquisados vivem em bairros menos favorecidos em aspectos como saneamento básico, malha viária, escolas, unidades de saúde e equipamentos de lazer, os bairros das práticas são privilegiados. O grupo futevôlei acontece na orla de Camburi, que se localiza no bairro Jardim da Penha, praia de intensa movimentação, seja por se localizar as margens de uma importante avenida da cidade (Avenida Dante Michelini), seja por oferecer uma grande gama de possibilidades e equipamentos específicos e não específicos de lazer³. Sua orla é constantemente utilizada

³ Assumiremos para o termo “equipamento de lazer” a conceituação atribuída por Marcelino (2006), que o define como específicos e não específicos. Específicos são os equipamentos destinados a atender um conteúdo programático especializado voltado para um segmento dos interesses

para sediar eventos sazonais esportivos, musicais e religiosos. Também possui estruturas fixas como ciclovia, quadras de futebol de areia, vôlei, futevôlei, direcionados aos esportes e quiosques com programação cultural e musical.

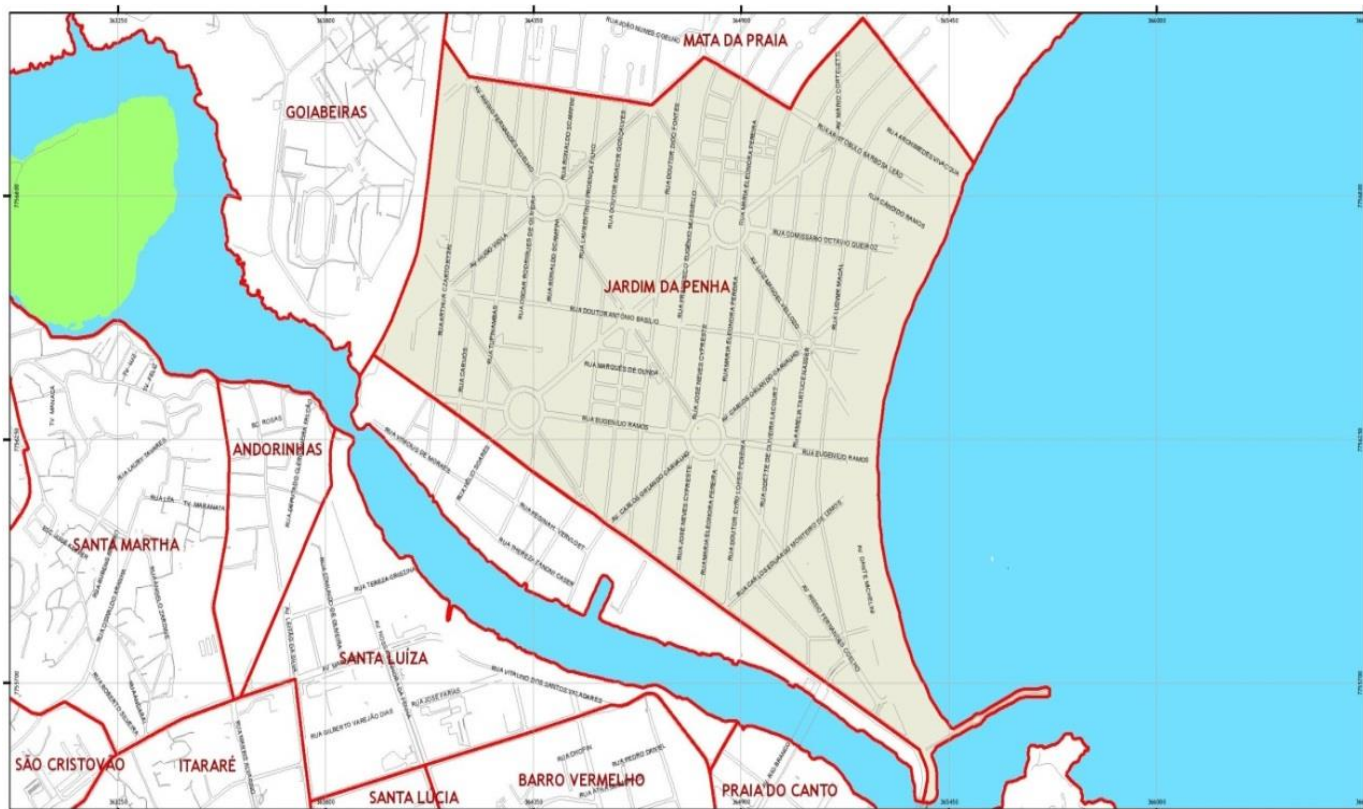


Figura 1

Jardim da Penha, segundo dados fornecidos pela Secretária de Gestão Estratégica e Gerência de Informações Municipais da Prefeitura de Vitória, possui área de 1,46 km² e uma população de 30571 pessoas. Em última averiguação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Vitória, com o valor de R\$1866,58, ocupa a terceira posição no ranking das maiores rendas per capita entre todas as cidades do País. O Bairro Jardim da Penha possui renda per capita de R\$2510,89, o que a colocaria, se fosse uma cidade, na primeira posição do ranking. Essa boa condição financeira de grande parte de seus moradores

socioculturais. Já os não-específicos são os equipamentos não originalmente destinados a esse fim, mas que são apropriados para tal.

é perceptível ao se caminhar pelas ruas do bairro. Com uma frota de veículos nova, estabelecimentos comerciais bem decorados e de famosas grifes nacionais e internacionais.



Figuras 2, 3, 4 e 5.

Unido a Jardim da Penha por uma ponte e pelas diversas semelhanças estruturais, sociais e econômicas, está a Praia do Canto, local onde está fixado o grupo futebol. Em sua extensão temos uma marina do Iate Clube do Espírito Santo, três grandes praças (Praças dos Desejos, Praça dos Namorados e Praça da Ciência) que são constantemente utilizadas para programações culturais, comércio de alimentos e produtos artesanais, espaço destinado a corridas e caminhadas, diversas quadras poliesportivas, duas quadras exclusivas para a prática do tênis e, por fim, um campo de futebol de grama sintética com dimensões oficiais.

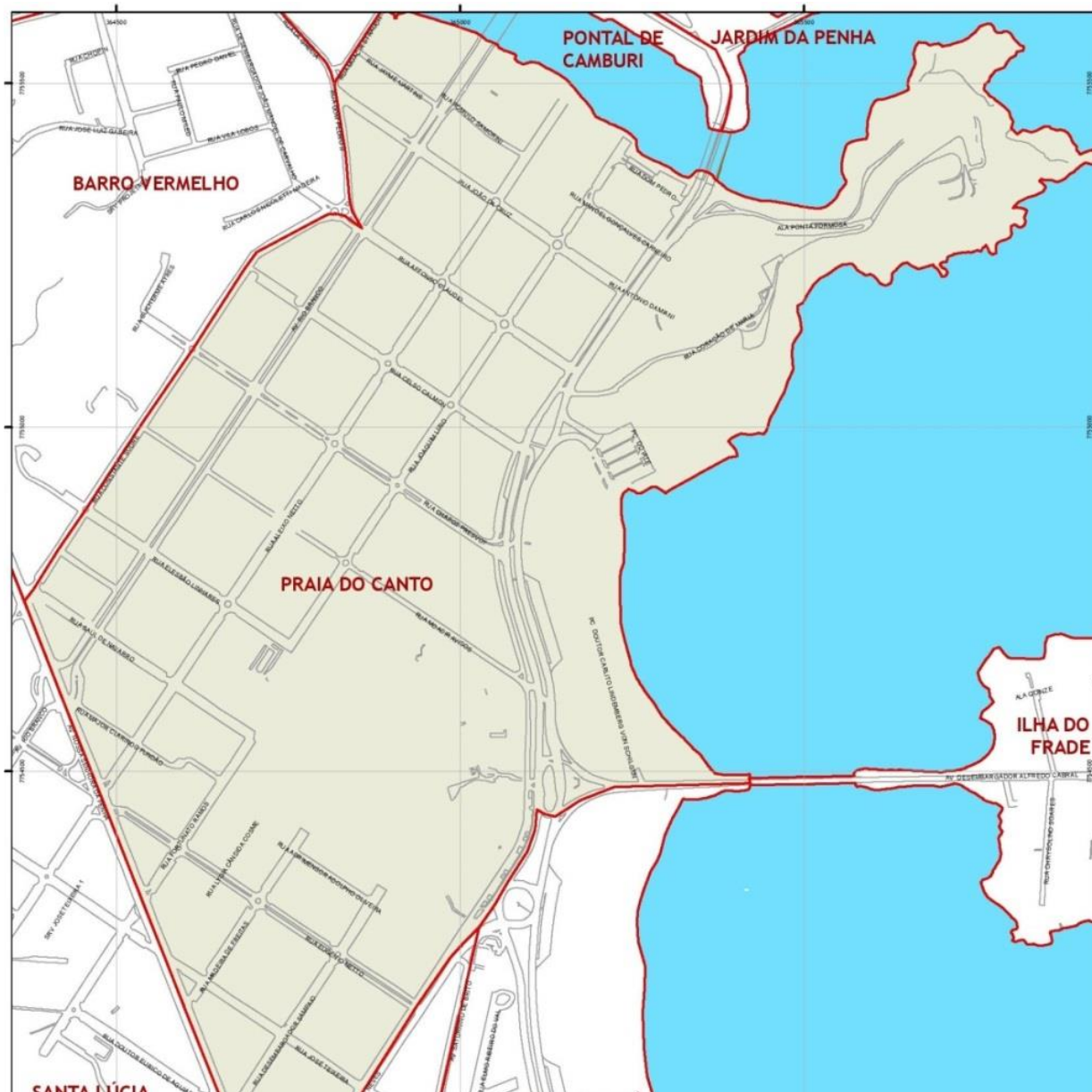


Figura 6

Sua constituição imobiliária é de predominantemente prédio para moradores de classe média e alta. Arborizada, organizada e limpa, a orla contrasta com vários outros bairros da Capital. Em uma área territorial de 1,12 km² está uma população de 15147 moradores com renda per capita ainda maior do que a do já privilegiado Bairro Jardim da Penha, cada morador da Praia do Canto recebe, em média, R\$4321,90. Porém, sua avenida principal serve de passagem para moradores de cidades metropolitanas e/ou bairros periféricos, como, por exemplo, os que trabalham no Centro de Vitória e moram na Serra ou os que exercem suas atividades laborais nos bairros em que a pesquisa acontece e moram em Vila Velha,

Cariacica ou Viana. Ou seja, apesar de um bairro de classe média alta, seus equipamentos esportivos são de fácil acesso mesmo aos que não residem próximo da orla, o que acaba por gerar interessantes contrastes que o leitor irá se deparar no decorrer das descrições e análises.



Figura 7 e 8

CAPÍTULO 2

Entrada no Grupo Futevôlei e descrição etnográfica

Como apresentado nos tópicos anteriores, o grupo futevôlei ocupa uma área valorizada e movimentada na orla de Camburi. Está na areia, mas próximo ao calçadão, estrategicamente posicionado na melhor área de iluminação da praia e no local onde se pode ficar mais distante do mar, evitando, assim, que a bola molhe quando por algum motivo sai da quadra. Tem também influência determinante para a escolha desse local o fato de alguns dos participantes serem membros de um clube que se localiza logo em frente. Esse clube faz parte de um grupo de benefícios oferecidos aos que tenham atingido determinado nível na hierarquia da polícia militar.



Figura 9

Lá ficam guardados os materiais como rede, bolas e fitas de demarcação da quadra. Os jogos acontecem uma vez por semana, às terças feiras, e se iniciam por volta das dezenove horas, horários em que os participantes começam a chegar, montar a quadra, se arrumar e dividir as equipes. Os mastros da rede ficam fixados constantemente; além deles, o único elemento estrutural que também fica no local, e pode ser utilizado em outros horários por

qualquer grupo, é um banco de madeira para cinco pessoas. Com material simples e feito de maneira improvisada, parece ser herança de algum grupo anterior que, incomodado pela falta de conforto, o fixou no local. Nele, ficam os que estão de fora do jogo corrente, os pertences dos jogadores e o material sobressalente. A proximidade com o calçadão, que a este horário funciona como centro de possibilidades de lazer, atividade física e espaço de convivência, faz com que constantemente o grupo tenha pessoas de fora os assistindo.

No geral, são homens de 35 a 60 anos, estando, entre as exceções, dois filhos que passaram a integrar o grupo por sempre acompanharem os pais nos dias de prática. Um com catorze e outro com vinte e cinco anos. O grupo se formou em 2010, com alguns amigos que trabalhavam juntos na polícia militar e, após o expediente, se reuniam na Praça Wolghano Neto, montavam a rede em uma quadra poliesportiva e jogavam em piso de cimento um "futevôlei" com diversas adaptações nas regras, para que pudesse ser praticado onde estava sendo e por quem estava sendo. A mudança de local ocorreu no ano seguinte e de forma progressiva. Barata me conta, em nota do dia 28/09/2013:

Pra formar o grupo lá, foi complicado. Pouca gente sabia jogar e a gente foi chamando os amigos pra ir aprendendo devagar, no piso da quadra era mais fácil de aprender. Na quadra, o cara ia a primeira vez e já estava jogando, se fosse na areia não ia ser assim. Com o tempo, o pessoal foi melhorando e a gente foi tentando trazer pra areia, marcava um dia, depois voltava pra quadra, até que chegou uma hora em que o pessoal que já jogava, resolveu mudar de vez. Pra mim, ficou bem melhor. Aqui estamos na praia né?! Tem mais gente assistindo, mais fácil pra gente guardar o material ali no clube e o jogo fica mais bonito na areia.

A fala do Barata é reveladora em diversos aspectos; em sua formatação inicial o grupo já dava sinais de como se constituiria em um momento posterior. Mesmo após alguns anos, os mecanismos de entrada no grupo parecem continuar semelhantes. É, até os dias atuais, inegável a ligação do grupo a alguns aspectos do trabalho na polícia militar do qual alguns fazem parte. Entretanto, ser policial não é um requisito, de modo que, além dos militares, o grupo possui contador, taxista, vendedor de automóveis, mergulhador, estudante e outras profissões. Com ficou evidente na nota acima, o principal meio de entrada no grupo é ser amigo de alguém que já participe. Diversos são os casos semelhantes entre os integrantes, mas minha própria entrada é emblemática.

Definidos os aspectos básicos que norteariam minha pesquisa, comecei, então, a rastrear pela orla com olhar atento aos grupos de práticas esportivas e, sem deixar clara minha real intenção, a comentar com moradores dos bairros próximos a orla que estava a procura de um para participar. Depois, então, de algumas semanas de observação, conversas com moradores e participações em algumas práticas esportivas, fui convidado por um conhecido a frequentar de forma contínua um grupo de futevôlei em que ele estava inserido. Segundo Marcelo, o grupo me receberia muito bem. Ao ser interpelado por mim com um: *Mas eu nunca joguei isso heim!* Fui prontamente tranquilizado: *Fica tranquilo, tem outros que também estão aprendendo. A galera vai pra se divertir!* Minha preocupação se justificava. Apesar de durante a vida sempre ter “brincado” de futebol e participado de outros tantos esportes, o futevôlei era para mim uma completa novidade. Marcamos o dia, horário e local que nos encontraríamos com o grupo; no dia 21 de maio de 2013 comecei a me inserir e a participar das atividades. No horário combinado cheguei ao local. Marcelo ainda não estava presente, mas outros participantes já se aqueciam no que mais tarde eu perceberia ser uma prática constante (uma roda de “altinho”), enquanto dois montavam a quadra. Um dos que fixava a rede, ao me avistar, prontamente me chamou: *Você que é o amigo do Marcelo? Entra na rodinha aí, fica com vergonha não. Ele falou que você viria. Deve estar chegando, já.* Foi assim que conheci o “Coronel”. Um senhor de 62 anos, coronel aposentado da polícia militar, com aspecto jovial e tom de voz alto. Fui apresentado por ele aos outros que se aqueciam e imediatamente entrei na rodinha. Ao terminar a montagem da quadra, o Coronel dividiu em dois trios os seis primeiros que chegaram. Eu estava entre eles e me coloquei a disposição de ceder minha vaga para algum participante mais antigo entrar jogando. Ideia que foi imediatamente refutada pelo grupo. Danilo, o que ajudava na montagem da rede, foi o primeiro a me explicar algumas regras de conduta: *Aqui, se foi convidado por algum amigo e chegou antes, vai jogar primeiro. Pode ter um dia, ou quinze anos no grupo.* Estava eu, então, em um dos trios que foram divididos pelo Coronel e desde esse momento estive inserido no grupo. Outras maneiras de entrada também acontecem, como quando uma pessoa que está assistindo pede para jogar, mas são muito menos frequentes e geralmente os que entram dessa forma tem uma rotatividade maior na frequência das práticas. Quando se é convidado por um amigo, além dos diversos significados que a prática pode ter para cada um, embute-se uma responsabilidade velada, de se estar ali porque alguém levou. Uma espécie de responsabilidade assumida, já que ele veio porque é amigo de alguém e qualquer comportamento que não seja apropriado para as normas silenciosas e não silenciosas que o grupo possui, também é um pouco de responsabilidade de quem o convidou. Essa

responsabilidade acaba diminuindo na medida em que o convidado vai se tornando parte do grupo e deixa de ter uma ligação apenas individual e começa a executar as ações do grupo como de fato um de “dentro” e não apenas um convidado.

Minha primeira partida serviu para que os outros participantes notassem minha falta de experiência. A cada vez em que era responsável pela recepção do saque, o nervosismo me assolava. Se meu rendimento nessas recepções não fossem razoavelmente satisfatórios, talvez minha entrada no grupo pudesse ser dificultada. Seria difícil aceitar um participante que não conseguisse manter minimamente o jogo acontecendo. Se em outros esportes, por exemplo, o futebol, também tratado nessa pesquisa, é possível que um jogador menos habilidoso compense sua falta de desenvoltura com movimentação e ajuda na marcação, no basquete com senso coletivo e respeito às estratégias, o futevôlei tem característica diferente. Se os jogadores não possuírem domínio de gestos técnicos adequados, o jogo não acontece. Assim, na divisão dos trios, de forma ocasional ou não, fiquei com dois dos jogadores que menos reclamam com os parceiros em casos de erro. A cada recepção mal calculada da bola era tranquilizado tanto pelo Coronel, levantador de nossa equipe, quanto pelo Barata, e a cada acerto, incentivado. Já os de fora do jogo davam a mim, rigorosamente, o mesmo tratamento que os erros de todos os outros recebiam. Eram risadas e piadas constantes.

Para cada novo integrante, o grupo parece oferecer diferentes resistências. A adaptação ao conjunto de gestos e comportamentos é sempre marcada por ajustes individuais e coletivos. Em nota do dia 16/08/2013,

Em um dos momentos em que estava de fora, a conversa entre os que também estavam girou sobre compra de imóveis, bens e planejamentos de aposentadoria. Apesar de não ter nenhuma outra pessoa de fora do grupo próxima e os do jogo estarem entretidos com a prática, o tom de voz diminuiu bastante e julguei ser por minha causa.

Para mim, ter uma idade distante da média dos participantes era um dos principais fatores de dificuldade de integração, mas não o único. Senti, também, que meu desenvolvimento técnico na modalidade, apesar de no discurso de alguns integrantes do grupo aparecer como algo secundário, era determinante para que eu fosse aceito com mais facilidade. Estar adaptado às formas de jogar é determinante para uma aceitação facilitada. Outra característica que também tem importante relevância no processo de integração é a

capacidade de o convidado de aceitar brincadeiras e brincar com os outros participantes. As provocações e brincadeiras contemplavam os mais diversos assuntos como, vestimentas, histórias do passado e jogadas mal executadas, sendo esta última a forma mais recorrente. No dia 11/03/2014, após uma jogada mal executada, o Luiz, que estava do lado de fora, começou a provocar com insistência o time que tinha errado e essas provocações eram imediatamente rebatidas pelas vítimas. Um transeunte desavisado chegaria a pensar que pudesse ser uma briga, entretanto, em voz baixa, ele se virou para o banco onde eu estava e disse: *o bom desse futevôlei é isso aqui, provocar esses caras, olha a cara daquele ali nervoso* e começou a rir ao mesmo tempo em que os que estavam jogando também riam.

As diversas conversas que acontecem no grupo, durante as práticas, corroboram com a hipótese de que, para eles, as três características comuns dos lugares antropológicos (histórico, relacional e identitário) estão contempladas naquele pequeno pedaço de areia com estrutura rústica e improvisada. Ao se contar uma das inúmeras histórias do grupo, é frequente que o locutor mostre e gesticule sobre o ocorrido exatamente no local do sucedido. Nesse sentido, também são recorrentes os discursos que demonstram orgulho no fato de a prática estar no mesmo local há alguns anos. Jair, 43 anos, em nota do dia 16/08/2013, disse:

[...] uns garotos começaram a chegar aqui antes da gente, pra jogar no nosso lugar. Toda semana a gente chegava aqui, estavam os moleques jogando (pausa para gargalhada), aí nessa mesma época o Coronel aposentou e começou a chegar aqui duas horas antes. Armava a rede e ficava treinando saque sozinho, duas horas seguidas. Os garotos chegavam e ficavam putos, mas o velhinho não saía de jeito nenhum. Por isso que ele tá com esse saque quase chegando no nível do meu (rindo acompanhado de risadas do grupo que ouvia no banco).

Nota-se, assim, uma relação do grupo com o local, que transcende o oportunismo de se utilizar uma estrutura pronta ou por ser mais perto do clube em que o material é guardado. Menos de cinquenta metros à frente, existe outro espaço com grande semelhança ao aproveitado; entretanto, faz-se o esforço possível para a manutenção do sempre utilizado. Também são frequentes as conversas que exaltam o local e, conseqüentemente, o grupo, como fomentador de um modo de viver que se orgulham. Barata diz, em nota do dia 15/04/2014:

Vir pra cá, pra mim, é a melhor coisa que tem, trago a mulher pra caminhar no calçadão, meu moleque vem comigo, fica todo orgulhoso do coroa, joga um pouquinho também, meus amigos já sabem que toda terça eu tô aqui e já passam pra me ver jogar e conversar um pouco.

Estas observações mostram o quanto estão intimamente ligados às relações dos sujeitos com seu grupo de prática e como está associado com o lugar em que está estabelecido.

Outra importante característica do grupo futevôlei é intensa e variada gama de atividades realizadas em momentos fora da prática. Em um primeiro momento da observação, julguei que essas outras formas de encontro do grupo aconteciam apenas com os que possuíam alguma outra forma de contato durante a semana, como os que trabalham juntos ou possuem amizade originada de outro espaço, por exemplo. Todavia, com o passar do tempo, fui percebendo que estes momentos eram também importantes para o fortalecimento da unidade do grupo e todos que começavam a fazer parte eram convidados. Em nota do dia 04/06/2013, observo que,

Durante vários momentos da prática ouvi conversas sobre a organização de um encontro no domingo seguinte. Falava-se sobre a compra das bebidas, ter ou não comida (tema que causou divergência) e horário. Após ajudar a desmontar a rede, Palmito veio em minha direção e disse, *ouviu do encontro de domingo, né!? Não falta que vai ter um futevolezinho, o pessoal vem com a família, a gente toma uma cervejinha*. Perguntei quanto e a quem deveria pagar, e a resposta foi para que eu aparecesse no dia e na hora e o Coronel ia me dizer quanto cada um deveria custear.

No domingo, grande parte do grupo estava presente, as esposas e filhos se posicionavam próximos a uma tenda em que ficavam as comidas e os pertences dos que jogavam. Os jogos transcorreram da mesma forma que nos dias normais de prática, porém, com uma rivalidade menor e as conversas mais moderadas. Os que estavam do lado de fora do jogo iam à tenda e brincavam com os presentes. Com o passar do tempo e aumento do sol, os integrantes do grupo que se colocavam a disposição para jogo diminuía. Até que, ao término de uma partida em que não tinha mais participantes esperando o próximo jogo, anunciei que ia parar de jogar por cansaço. Quando me preparava para ir embora, fui chamado pelo Coronel já com uma lata de cerveja na mão, que disse, *vai tomar uma gelada com a gente aqui*.

Além desse, outros encontros e com características diversas aconteciam nos momentos *fora da prática* do grupo. Iam de simples encontros, imediatamente após os jogos, para, como o grupo gosta de chamar, *tomar uma gelada* ou *dar uma reidratada*, a eventos programados com antecedência e que envolviam uma organização mais detalhada. Pouco antes da minha entrada no grupo, foi realizada uma viagem ao Rio de Janeiro, cidade que fica a 455 quilômetros de distância de Vitória. Evento este que se tornou uma constante anual no grupo. No espaço da entrevista destinado ao entrevistado contar alguma história do grupo que tivesse desejo, o Coronel me fala em tom de orgulho:

Pois é [...] quando começamos, um dos nossos sonhos, era jogar em Copacabana [...] organizamos uma excursão, viajamos para o Rio e levamos nossa rede [...] jogamos lá em 2011 e aí se tornou praxe, 2012, 2013, 2014 e já estamos agora em 2015, em setembro [...] iremos novamente.

Nesse sentido, o grupo existe pela prática, mas não se restringe a ela. Em alguns dias, os que estão do lado de fora apenas para conversar, ultrapassam os que estão prontos para jogar. E alguns desses possuem voz ativa no grupo, mesmo sem nunca ter jogado. Opinam nas ações, discutem as regras e lances e participam das decisões. No dia 05 de agosto de 2014 estava com o tornozelo muito inchado devido a uma torção na prática do outro grupo de pesquisa e fui apenas para ficar do lado de fora fazendo as observações. Ao conversar com Oliveira, que sempre ia, mas nunca participava do jogo, ouvi o seguinte relato:

Eu até já quis jogar isso aí, mas não tenho jeito não. Aí, eu ia vir pra cá e ia mais atrapalhar do que me divertir e ajudar o pessoal a divertir. [...] então eu venho faço tudo que todo mundo faz que é ficar nessa resenha danada aqui e pronto. Tem uns aqui que deveriam estar fazendo isso também [...] Palmitinho mesmo, no meio da partida quer parar pra fumar. Tô tentando trazer mais atletas pro meu time aqui que é ficar só na resenha. (risos)

Estar no grupo mesmo sem jogar é mais uma das maneiras de inserção no Grupo Futevôlei e demonstra que o grupo existe e se fortalece pela prática, mas não se restringe a ela.

Regras, arbitragem e modus operandi

As alterações nas regras já são indicativas das adaptações do esporte competitivo às realidades vivenciadas pelo grupo. Esse conjunto de alterações faz parte do que é o grupo, já que ao mesmo tempo que regimenta a prática, também nos ajudam a entender quem e como são os que a elas se submetem. Não estão escritas em nenhum local e também não estão blindadas a mudanças duradouras ou momentâneas. Mas algumas possuem maior representatividade e solidez perante o grupo. São quatro principais alterações que visam atender, prioritariamente, a quatro aspectos. As categorias aqui apresentadas foram por mim formuladas a partir das interpretações dos modos estabelecidos de se jogar e se comportar nos momentos das práticas. Os aspectos tratados não estão completamente dissociados, estabelecendo, assim, uma categorização proveniente de abstrações que julguei facilitar o entendimento das dinâmicas estruturais do grupo. Os aspectos contemplados nas categorias nunca foram pensados de modo formal pelos integrantes do grupo e são frutos de entendimentos espontâneos dos membros sobre a formulação e regimentação da prática em que estão inseridos.

Alterações nas regras/Adaptações prioritárias	Questões Físicas e Inclusão	Rotatividade na Quadra e Tempo de Jogo	Aspectos Pedagógicos	Equilíbrio Competitivo e Aspectos motivacionais
De Duplas Para Trios	Sim	Não	Não	Não
Alternância do Recebedor do Saque	Não	Não	Sim	Sim
Diminuição do Set	Sim	Sim	Não	Sim
Diminuição do Espaço de Jogo	Sim	Não	Sim	Não

Quadro 4: Alterações nas regras Grupo Futevôlei

O aspecto *Questões Físicas e Inclusão* trata das alterações que têm o objetivo de criar formas de incluir, nas práticas, os sujeitos que possuem algumas limitações físicas. Pelas

características físicas dos participantes mais assíduos, criar mecanismos para que mesmo os que tenham uma mobilidade prejudicada ou menor condicionamento cardiorrespiratório, por exemplo, consigam jogar, é também uma estratégia de manutenção da prática. Em sua forma competitiva de alto rendimento, o futevôlei é jogado por duplas ou quartetos. Em trios, ao invés de todos participarem da recepção da bola (como é o que ocorre nos jogos formais), os times possuem um levantador que fica próximo a rede, enquanto os outros dois se ocupam das funções de recepção e ataque. Cria-se, então, uma posição no jogo, em que o sujeito é muito menos exigido fisicamente do que nas outras duas funções. Eximidos das obrigações de receber e atacar, os levantadores se deslocam menos, mas continuam tendo participação determinante nas ações. Não parece ser coincidência que os que apresentam idade mais avançada ou maior ocorrência de sobrepeso ocupem essa função. Outras importantes alterações nas regras que têm influência direta nesse aspecto são a diminuição do número de *Sets*, que em um jogo de modelo competitivo possui de dois a três, mas no grupo pesquisado tem apenas um, oferecendo, assim, uma maior alternância no tempo de descanso entre os participantes. E a diminuição do espaço da quadra de 18x9 metros para 16x8, ficando cada trio responsável por uma área menor de jogo. Essa preocupação e flexibilidade com as dimensões da quadra são também notadas em dois grupos observados por Stigger (2002); segundo o pesquisador, o motivo para essas alterações em sua pesquisa é também criar possibilidades de inclusão aos diferentes sujeitos inseridos nas práticas.

Já o aspecto *Rotatividade na Quadra e Tempo de Jogo* é de vital importância para que os participantes tenham a certeza de que quando forem para a prática, irão participar durante um tempo razoável, mesmo que estejam em um dia ruim na execução dos gestos ou que se tenha para jogar mais participantes do que é habitual na maioria dos dias. Para isso, estabeleceu-se que a equipe vencedora de um *set* de quinze pontos permanece na quadra e a perdedora dá lugar aos que estão do lado de fora. Caso uma equipe vença vários jogos seguidos, o Coronel intervém redividindo os trios, sempre deixando em quadra os que foram vencedores da última partida. Entretanto, nem sempre essa nova divisão agrada aos que estão vencendo. Escrevo em nota do dia 16/07/2013,

Após três partidas consecutivas de vitória do mesmo trio, o Coronel resolveu dividir novamente as equipes. Apesar de continuar no jogo, o Aguiar se sentiu prejudicado e reclamou muito. Argumentou que em outras oportunidades, quando estava perdendo, os trios não eram modificados. Essa reclamação causou visível desconforto nos que foram colocados pelo

Coronel, na equipe do Aguiar. Apesar disso, o jogo ocorreu com os novos trios e sem maiores problemas.

A atuação do Coronel demonstra que quando as regras estabelecidas não estão preservando a rotatividade entre descanso e tempo de jogo dos participantes, ele intervêm para que assim aconteça. Se uma das equipes estiver, como falado no grupo, *dando um baile* nas outras, sem intervenção, três participantes jogariam muito mais tempo do que a média em quadra dos outros.

Outro aspecto contemplado por mudanças nas regras é o *Pedagógico*. Uma das características do grupo, sempre presente nas falas dos integrantes, é a possibilidade de uma pessoa que ainda não saiba jogar, se convidado por algum dos integrantes, entrar no grupo e ir praticando com o decorrer do tempo. Se "jogar bem" facilita o processo de integração, como demonstrado no tópico *Entrada no grupo e descrição etnográfica*, não jogar não chega a ser um fator determinante para exclusão. Mais a frente trataremos sobre os participantes que desistem da prática e discutiremos suas alegações e motivos. Entretanto, neste momento, nos fixaremos no que é instituído pelo grupo e está fortemente presente na descrição do que é o *Grupo Futevôlei* para cada um. Para que se consiga então que pessoas que tenham interesse pela prática, mas que nunca jogaram o futevôlei se adentrem ao grupo, duas principais regras são instituídas com o objetivo de acelerar o processo de aprendizagem dos recém-chegados. Para os iniciantes, um dos fundamentos mais complicados é a recepção do saque; é de longe o fundamento que se vê mais erros. Com o intuito de resolver esse problema, o grupo definiu que os sacadores devem alternar o recebedor. Essa medida, além de oportunizar que todos tenham a mesma obrigação e oportunidade de fazer a recepção da bola, também permite que a pessoa saiba a hora em que o saque será em sua direção e se posicione da maneira mais adequada possível. Nessa mesma linha, a diminuição da quadra tem efeito prático óbvio de diminuição do espaço que tem que ser "coberto" pelo jogador, o que facilita a aprendizagem, já que o jogador acaba estando sempre mais próximo de onde a jogada será executada.

Duas mudanças nas regras influenciam diretamente o aspecto *Equilíbrio Competitivo e Aspectos Motivacionais*. A alternância do recebedor do saque faz com que um trio não explore a deficiência de algum membro da equipe adversária na recepção do saque. Se o saque fosse livre, os trios sacariam apenas no jogador com maior dificuldade em executar esse fundamento. Com o revezamento obrigatório, os erros e acertos não recaem sobre apenas um e, conseqüentemente, ocorrem mais lances em que a bola se mantém no ar, alternando

entre as duas quadras. Os ralis são os momentos de ápice do jogo para os participantes. Ganhar um ponto em que o outro lado errou a recepção é menos motivante do que vencer uma disputa em que a bola troca de quadra por várias vezes. É isso que se busca também com a diminuição do tamanho da quadra. Com o espaço menor de jogo, as equipes conseguem fazer com que a bola fique por mais tempo sendo disputada sem tocar o solo. Em nota do dia 11/03/2014, o Capitão diz:

O jogo fica bom quando está muito disputado. Ficar ganhando com a bola caindo toda hora não adianta. Como é que eu vou fazer minha levantada de 'peitinho' se a bola não volta nunca pro lado de cá?

Entretanto, por diversos momentos e motivos, a alternância do recebedor não dá conta de incluir de maneira completa os jogadores em todas as ações do jogo, o que, por vezes, gera desconfortos e discussões entre os participantes. As desavenças ocorrem e são resolvidas pelos membros do grupo. Fazem parte da busca constante por se estar inserido completamente no jogo e para que esse jogo seja cada vez mais motivador e equilibrado. Descrevo em nota do dia 17/09/2013.

Hoje tive minha primeira indisposição no futevôlei. Vinha de uma boa sequência, me sentindo mais confiante para jogar e isso acabava por facilitar minha movimentação pelo grupo. Parece existir um reconhecimento maior, quando você é capaz de jogar no mesmo nível ou até melhor que os integrantes mais antigos. Isso vinha facilitando meu trânsito por questões que até então não tinha conseguido explorar. Entretanto, como já relatei anteriormente, em determinados momentos, os jogos ficam mais acirrados e competitivos. E o grupo, por vezes, recebe praticantes ocasionais, são amigos da maioria, que não possuem regularidade, mas que aparecem nas práticas de tempos em tempos e são tratados como regulares pelos mais antigos. Entretanto, as dinâmicas do grupo seguem se alterando, mesmo quando esses não estão presentes, porém, quando voltam, se introduzem como se nada tivesse se alterado e isso acaba causando algumas situações desconfortáveis. Em duplas com três jogadores experientes, o normal é que o jogador que fez a recepção receba a levantada para o ataque. Já em um trio com dois experientes e um novato, o levantamento acaba indo quase que exclusivamente para o que já detém os gestos motores e o entendimento tático do jogo. Os trios querem vencer para continuar na quadra, e um novato pode acabar colocando tudo a perder. Essa maneira de proceder se acentua em alguns extremamente competitivos e inexistem em outros que mesmo após os erros dos iniciantes continuam jogando normal e dão força quando esses erram as jogadas. Hoje então, ocorreu, que apesar de eu já ter conquistado um respeito maior por parte dos que são frequentadores mais assíduos, e já receber as bolas para ataque com mais frequência, acabei por

entrar para jogar com dois outros jogadores muito competitivos e que não acompanham o desenrolar do grupo. Em diversas jogadas que eu me preparava para atacar o outro jogador "invadia o meu espaço da quadra"⁴ e atacava no meu lugar. Isso foi me irritando, sensação conflitante para o pesquisador em um primeiro momento, e em uma bola que julguei mal passada para mim, não fiz o menor esforço para corrigir o erro do meu parceiro de equipe e ouvi uma reclamação, *não foi na bola porquê?* respondi com um imediato, *agora eu tô jogando?* e o Pará me respondeu, *se não tá jogando fica do lado de fora!* na mesma hora o levantador da nossa equipe veio em minha direção e pediu desculpa por estar direcionando demais a bola, apenas para o Pará. Os que estavam do lado de fora, se mostraram a meu favor, mas não interferiram muito e o jogo continuou. Perdemos, e como já estava tarde começamos a organizar a retirada dos materiais da quadra. Em meio a essa organização alguns (Palmito e Jair) vieram me falar que eu estava correto. O Palmito chegou a dizer, *não pode abaixar a cabeça pra esses caras não. Tem que reclamar mesmo. Tão errados!* Logo depois o Gamarra que era levantador da minha equipe veio falar que eu tinha razão na reclamação. Acabei por cumprimenta-lo e não prolonguei o assunto. O Coronel então me chamou e falou *"tem que relevar, Vinicius, esquentar a cabeça não! Terça feira estamos aí! Falta não"*

O acontecimento descrito na nota acima foi de suma importância para minha inserção no grupo e para esclarecimento de alguns aspectos que permeavam de dúvidas minha trajetória investigativa. A rivalidade causada é uma constante do grupo. Em vários momentos, as brincadeiras e a maneira de tratamento entre os participantes geram desconfortos, de modo que saber se posicionar perante a essas situações é de suma importância para o reconhecido como um *de dentro* pelos frequentadores da prática.

Apesar de o grupo possuir participantes mais velhos, é o Coronel que lidera as ações. Ele chega de bicicleta, ouvindo música com a rede e bola com um sotaque de carioca e uma brincadeira pronta para todos os participantes; em momentos de conflito é ele quem decide e todas as decisões são aceitas sem maiores argumentações. Por diversas vezes, em dúvidas sobre quem ia entrar ou ficar do lado de fora, ele cedia o seu lugar para que os conflitos fossem resolvidos. Sua liderança é reconhecida pelo grupo, mas não assumida nem formal, nem informalmente. Suas características pessoais são facilitadoras, a posição hierárquica que ocupa na polícia também, mas sua postura agregadora e descontraída é o que parece ter mais impacto perante os outros participantes. É o que mais se preocupa em integrar os novos

⁴ No início dos jogos, os dois integrantes do trio que se responsabilizam pelo fundo da quadra chegam a um acordo sobre quem ficará responsável por qual lado. Durante os ralis, essa movimentação pode se alterar, mas na maior parte do tempo respeita essa definição prévia. A escolha geralmente ocorre em comum acordo e respeita principalmente as preferências de cada participante. É normal, também, que caso algum jogador esteja desconfortável e/ou não tendo bons resultados nos lances, os trios se reorganizem fazendo a troca das posições.

participantes e estabelecer maneiras de inserção rápida e natural destes no grupo. Ao ser perguntado por mim sobre o que o motiva em manter essa liderança, respondeu com naturalidade que não é líder, só vai em todos os dias de prática e ajuda no que é possível.

São estes os principais acontecimentos que julguei importante narrar aos leitores sobre o Grupo Futevôlei. O infinito conjunto de percepções, ainda que não descritos, aparecem direta ou indiretamente nas descrições apresentadas e análises que se apresentarão em um momento posterior do texto.



Figura 10

Grupo Futebol

Neste tópico será narrada a entrada no *Grupo Futebol* e feita a descrição etnográfica do mesmo. Como descrito no tópico *Cidade: espaços e contextos*, a orla da Praia do Canto é considerada área nobre da cidade. A quantidade de equipamentos de lazer é ainda maior do que em Camburi, local onde se encontra o *Grupo Futevôlei*. É em um desses equipamentos que quartas feiras, às 19:50, se reúne o *Grupo Futebol*. No primeiro momento o grupo se reunia em um campo de grama sintética, com boa iluminação, construído e mantido pela Secretaria de Esporte do Espírito Santo que possui arquibancada para, em média, cem pessoas.



Figura 11

Uma das laterais possui estrutura de vestiário, mas que fica fechada durante a maior parte do tempo e que o grupo não utiliza. Assim como no estudo de Costa (1996), em que se percebeu uma rotina de jogos distribuídos ao longo da semana, o campo em que o Grupo Futebol realiza suas práticas também é palco para peladas⁵, torneios, campeonatos e escolinha de futebol. Devido a pouca regularidade de frequência de parte dos que integram a prática não é possível apontar, com precisão, quantos integrantes o grupo possui. Quinze tem boa frequência, entretanto, o jogo para ocorrer, precisa de no mínimo vinte e dois participantes. Como solução, Ademar, líder do grupo, por diversas vezes reúne os presentes e pede que tragam novos participantes que tenham interesse em frequentar com regularidade. Descrevo em nota do dia 26/02/2014:

Ao término da prática, Ademar pediu que todos se reunissem no meio do campo. Alguns já estavam saindo e tive a sensação que voltaram a contragosto. Quando todos chegaram, o Ademar pediu que os que estavam faltando começassem a frequentar com regularidade, ou ele cortaria do grupo. Falou que ia dar preferência aos que tinham compromisso, pois o grupo não podia correr o risco de chegar para o jogo e não ter gente suficiente. Para terminar pediu aos que estavam frequentando corretamente, que convidassem mais amigos, e ressaltou; *mas tem que ser gente tranquila, cara que vai vir aqui e não vai bagunçar nossa brincadeira.*

Três eram os mecanismos de entrada: convite de integrantes do grupo, se apresentar e pedir para jogar ou, em dias que faltavam jogadores, integrantes do grupo percorriam os entornos da praça para saber se alguém gostaria de participar.

A minha entrada, como acontece com a maioria dos participantes, ocorreu de forma semelhante à entrada de Stigger (2002) em sua investigação; no dia 19 de fevereiro de 2014 cheguei ao local no horário da prática e perguntei a um dos que estavam na arquibancada calçando as chuteiras se o grupo era aberto e se eu poderia jogar. O rapaz me indicou um senhor que aparentava ter por volta de quarenta a quarenta e cinco anos. Ademar, com uma lista de nomes dos que já estavam presentes na mão, pediu que eu esperasse, perguntou se eu estava de chuteira e me falou que se completassem os vinte e dois eu ficaria no time de fora. Me explicou que era para dar preferência aos que já eram integrantes. No horário marcado,

⁵ Nome atribuído popularmente aos jogos organizados de maneira informal e sem vínculos federativos ou institucionais.

éramos apenas vinte; Ademar pediu, então, que eu pegasse o colete e fosse conversar com minha equipe. Essa é uma conversa que ocorre sempre antes do início dos jogos; nela são combinados os posicionamentos dos jogadores em campo. Em quase todas as partidas a organização é a mesma: quatro jogadores fazendo a linha defensiva, quatro meio campistas e dois atacantes. Todos têm as suas preferências pessoais, ficando para a linha defensiva o maior problema. Poucos querem jogar nessa função e o problema, quase sempre, é resolvido com revezamento dos jogadores. Esse revezamento ocorre durante as partidas, quando alguém do meio campo ou ataque se sente cansado e pede para trocar, fazendo a linha defensiva como um "descanso". É recorrente durante o jogo a fala; *"tá cansado, vem pra defesa"*. Tirando os goleiros, que são fixos, é possível que mesmo que o jogador não tenha afinidade com determinada função no campo tenha que desempenhá-la por algum tempo, para que o jogo transcorra.

Em minha primeira partida, fui questionado por Thomaz, um senhor que aparentava ter por volta de 40 anos e que de dentro de uma rodinha formada pelos jogadores de nossa equipe liderava a organização do time. *Você prefere jogar de quê?*, referindo-se ao posicionamento em campo que mais me agradava. Respondi que preferia jogar no meio campo ou no ataque. Thomaz não esboçou reação e continuou a montagem jogando os coletes e falando as posições para cada jogador. Ao prosseguir a arrumação da equipe, notou que não tinha ninguém que, por preferência, optasse pela lateral direita e me perguntou se eu poderia fazer a função. E em tom de brincadeira disse: *é novo, chegou agora, vai correr bastante por ali!* Após a brincadeira, enquanto eu me encaminhava para minha função no campo, se aproximou e falou; *fica tranquilo que depois a gente te troca com alguém*. Com a proximidade do início do jogo, os integrantes do grupo aumentavam o ritmo do aquecimento e alongamento. Todos faziam movimentações próximas as que são típicas do futebol, numa espécie de jogo sem adversário. Em seu próprio campo cada equipe aquece trocando passes e em alguns momentos chutando em seu próprio gol para aquecer também ao goleiro. Essa preparação demora em torno de 5 minutos.

Com o início do jogo fui começando a estabelecer de forma mais efetiva meus primeiros contatos no grupo. Se antes tinha conversado com Ademar, Thomaz e outros de forma rápida, é no campo que as coisas realmente acontecem no grupo. Não demorou 5 minutos para que alguns viessem perguntar meu nome, pois era preciso se comunicar para o time se posicionar adequadamente. Em pouco tempo, foi possível ouvir meu nome gritado, fosse para pedir um passe ou para corrigir uma movimentação de marcação. Esse contato de

campo é o principal elo entre os integrantes do grupo. As enormes diferenças culturais, econômicas e de formação, que aparecerão mais a frente no texto, são esquecidas pela necessidade de se portar como uma equipe para vencer o time adversário.

O grupo é formado por homens, tendo o mais novo 16 e o mais velho 58 anos. Entre os praticantes temos representante comercial, empresário, embalador de supermercado, estudante, entre outras profissões. O meio de transporte e as vestimentas utilizadas pelos praticantes já demonstram as diferenças de poder aquisitivo presentes no grupo. Enquanto alguns chegam em carro próprio, com material esportivo novo e de grandes marcas multinacionais, outros chegam de bicicleta ou ônibus, usam material simples e até mesmo inadequado para a prática em alguns casos. Em nota do dia 26/02/2014, observei que,

Enquanto estava colocando meu meião, Felipe chegou de seu trabalho, onde atua como ajudante de açougueiro, com uma mochila, bermuda jeans, camisa de botão de manga curta e sapato que aparentava estar bem velho. Começou também a se arrumar, colocando o short e meião, mas quando foi colocar a chuteira, calçou o mesmo sapato que tinha vindo do trabalho. Perguntei de imediato, *esqueceu a chuteira?* Felipe me respondeu que na quarta feira anterior sua chuteira tinha descolado a sola. Roberto, um dos que aparentava ter maior poder aquisitivo, entrou na conversa dizendo; *Rapaz, com esse sapato aí, você não vai parar impé no campo.* Continuei a conversa dizendo que seria melhor jogar descalço e o Felipe me contra-argumentou na hora; *O Ademar não deixa, senão fica bagunçado.* Roberto então o pediu que esperasse que ele ia pegar uma chuteira velha que tinha no carro. Ao receber a chuteira de Roberto, Felipe agradeceu e disse, *essa é a velha?* Em claro tom de brincadeira, já que a chuteira estava em bom estado(...). Ao término da prática, Felipe foi devolver a chuteira, mas o Roberto disse que podia ficar com ele.

A grama sintética exige, para a prática, um material específico. Um tênis de solado liso faz com que a pessoa escorregue com frequência, ao passo que uma chuteira de futebol, de grama natural com travas altas, gera um desconforto no praticante. Ainda assim, uma das normas instituídas pelo Ademar, no grupo, vigora sem questionamentos. Ao conversar com Joilson, um dos praticantes que morava em um bairro periférico e trabalha como embalador de compras em um supermercado, ele me enumerou suas razões para se alinhar a norma estabelecida pelo líder do grupo. Fala do Joilson em nota do dia 02/04/2014:

Quando uns jogam descalço e outros de chuteira, fica feio né!? Sem contar que pode machucar os que estão sem chuteira com mais facilidade. Prefiro com chuteira, fica com mais cara de futebol de verdade. Quem não tem,

pega emprestado com algum amigo, dividi e um monte de vezes em alguma loja, dá um jeito(...).

O gesto de companheirismo apresentado no parágrafo anterior demonstra um pouco dessa relação distante e ao mesmo tempo tão próxima dos participantes. Se os contatos extra prática, enquanto grupo, não existem, nos jogos, as posições sociais, profissões e situações financeiras dão lugar a uma nova hierarquia, pautada em valores, habilidades e convenções diferentes das situações corriqueiras do cotidiano. O fato de o Felipe estar usando uma chuteira doada pelo Roberto não impediu que em diversos lances em que eles jogavam pelo mesmo time, um não reclamasse com o outro. Sendo o Felipe até mais enfático nas reclamações, já que no grupo é reconhecido por ser um jogador melhor.

Os aspectos que legitimam as posições ocupadas no grupo estão diretamente ligados à compreensão dos sujeitos em estabelecer uma boa convivência entre os praticantes. Ser um excelente jogador de futebol, dominador das técnicas e táticas do jogo não garante maior importância entre os sujeitos, se junto a essas características não estiverem outras, que funcionem como integradoras ou minimamente não desintegram os laços estabelecidos. Outra importante característica é uma quase completa ausência de qualquer forma de contato além dos dias de jogos. Os praticantes que já não tinham relação quando passaram a integrar o grupo, dificilmente estabelecem algum outro contato. Nenhuma ação especial, confraternização ou reunião semelhante é programada. Descrevo em nota do dia 11/06/2014 uma conversa enquanto esperava a próxima partida:

*Tínhamos perdido e estávamos do lado de fora esperando a próxima partida quando perguntei ao Pimenta se o grupo já tinha se reunido para alguma outra atividade que não o jogo. Essa conversa me pareceu oportuna já que Bernardo falava sobre o churrasco que havia participado no fim de semana anterior de outro grupo de pelada que participava. Ao me dizer que não, explicou como funcionava nessa outra *pelada* e o motivo pelo qual neste grupo essa mesma organização não teria sucesso; *Pô, lá os caras são sempre os mesmos todo dia, e aí tem o cara que todo jogo pega cinco reais de cada um, não precisa pagar quadra, todo mundo fez o colete do próprio bolso pra dividir os times, já tem uma costureira certa lá pra fazer tudo igualzinho, essa grana fica só pra comprar bola e fazer os churrascos. Faz as contas, se quinze vão jogar são setenta e cinco reais por pelada, dá pra comprar uma bola por mês e fazer um churrasco. Dá até mais, mas fica um fundo de caixa pra fazer o do fim do ano. Aí a gente aluga um lugar com piscina, brinquedo pros filhos, faz um negócio grande mesmo sabe?! Se a gente conseguisse fazer o grupo que vem direto ficar maior um pouco, dava pra fazer.**

Mesmo com essa falta de outros contatos além da prática e com as dificuldades anteriormente relatadas em se preencher de forma consistente o número de pessoas mínimas para o transcorrer do jogo, nota-se no grupo uma coesão em seu núcleo duro⁶ que permite com que os jogos continuem acontecendo semana após semana mesmo com as inúmeras adversidades encontradas.

No primeiro semestre de 2014, todos os responsáveis pelos horários marcados no campo foram comunicados que o equipamento esportivo ficaria parado por aproximadamente três meses para manutenção do gramado. Os campos de grama sintética oferecem grande vantagem de manutenção se comparados aos de grama natural. Em um campo de grama natural, são necessários cuidados como irrigação, adubo e restrição de uso. Gerando, assim, uma manutenção mais custosa e uma eficiência menor se pensarmos que o equipamento esportivo aberto ao público não poderia receber uma grande quantidade de pessoas. Os de grama sintética, ao contrário, possuem filamentos de plástico ligados a uma manta que formam uma espécie de tapete que suporta uma grande quantidade de jogos, não necessitam de acompanhamento constante e não perdem eficiência de acordo com as condições climáticas. Entretanto, sua durabilidade é de aproximadamente 4 anos e após esse período é necessário que as partes mais danificadas dos tapetes sejam trocadas. Era nesse estágio que estava o campo em que acontecem as práticas do *Grupo Futebol*. Eram constantes as reclamações dos buracos e linhas demarcatórias danificadas. Sendo assim, todos os responsáveis pelos horários marcados no campo (inclusive o da nossa) foram comunicados de que o equipamento esportivo ficaria parado por aproximadamente três meses para manutenção do gramado.

Como já anteriormente relatado, o grupo possui dificuldades em manter a prática com integrantes constantes que se submetam as normas tácitas e que criem vínculo com os demais participantes. Essa parada obrigatória exigiu ainda mais atenção por parte do Ademar para que o grupo não se desfizesse. No dia 23 de julho de 2014 Ademar comunicou que seria o último dia antes da parada para manutenção e pediu que todos ficassem atentos para que na quarta seguinte a liberação para a prática todos comparecessem normalmente. No dia 17 de setembro, primeira quarta após a liberação, oito pessoas do grupo estavam presentes no horário habitual; discutiu-se sobre a possibilidade de migrar o grupo para uma quadra de

⁶ Termo apresentado por Stigger (2002) aos sujeitos que dificilmente se ausentavam da prática e garantiam sua regularidade.

futsal que se localiza próximo ao campo, já que alguns integrantes tinham se dispersado. Ficou estabelecido que os integrantes presentes tentariam trazer mais convidados para a próxima semana e se não estivessem presentes um número mínimo para a prática no campo, o grupo migraria provisoriamente para a quadra, já que para o jogo acontecer na quadra seriam necessários menos jogadores. Na semana seguinte, estiveram presentes doze participantes e o jogo aconteceu na quadra. Entretanto, após a prática, grande parte do grupo se mostrou insatisfeito e as conversas giraram sobre a necessidade de se voltar para o campo. A situação não me pareceu crítica a ponto de me preparar para o deslinde do grupo. Situação parecida viveu Stigger (2002) em sua pesquisa; após sua coleta de dados e já em fase de análises, o pesquisador foi informado que um dos grupos de práticas esportivas pesquisados estava praticamente extinto devido à oferta de um equipamento esportivo por parte de uma empresa que alguns integrantes trabalhavam. Todavia, como já possuía vasta coleta de dados, pôde prosseguir normalmente com sua investigação. Como esperava, o curso natural não foi o de término do grupo, entretanto, grandes alterações e tensões surgiram a partir das mudanças que precisaram ocorrer.

Com a diminuição dos praticantes frequentes, ficou estabelecido que o grupo passaria para a quadra de forma definitiva. A argumentação de Ademar para a mudança se apoiava em um principal aspecto: a falta de empenho do restante do grupo em trazer novos membros. Quando Carlos, que começou a frequentar a convite do Thomaz, pediu a palavra para dizer que não continuaria já que tinha entrado no grupo para jogar futebol, Ademar o respondeu com outras duas questões; *Quantas pessoas você trouxe até agora? É melhor a gente continuar jogando junto na quadra ou parar de vez por não estar juntando gente o suficiente para jogar no campo?* Carlos prosseguiu a argumentação dizendo que os mais velhos não aguentariam durante muito tempo. *Se no campo já tem que jogar cheio de armadura⁷, imagina aqui na quadra?!?* Silva deu apoio a Carlos dizendo que era inviável para os mais velhos, entretanto, Ademar já tinha o apoio dos que não gostariam que o grupo acabasse e sabiam das dificuldades dos últimos tempos em se conseguir pessoas que o frequentassem com regularidade. Relato o acontecimento em nota do dia 01/10/2014;

No dia 1 de outubro uma reunião entre os presentes foi definidora quanto ao local de prática do grupo. Após algumas, chegou-se a conclusão que seria

⁷ Carlos se referia a joelhaeira e tornozeleira que usava em todos os dias de prática. Certa vez me disse que *sem isso aqui eu não trabalho no outro dia*.

necessário mudar de forma definitiva para a quadra. Apesar de alguns protestos, a medida acabou sendo acatada pela grande maioria, já que os inúmeros pedidos para que os participantes trouxessem novos praticantes não deram resultado, era preciso uma mudança que fizesse novamente com que os jogos acontecessem de forma satisfatória. Na reunião convocada pelo Ademar, apesar do clima de lamentação, apenas Carlos e Silva se mostraram insatisfeitos com a decisão e Carlos contrargumentou dizendo, *por mim não mudava não*, entretanto foi respondido pelo Thomaz *Como vamos continuar jogando com cada time com nove em quadra? Não tem como!* Nesse momento Carlos disse que gostava muito do grupo, mas que com a mudança não poderia continuar. Ademar entrevistou dizendo que ele já tinha praticado na quadra e que poderia continuar, mas Carlos disse que para ele não dava. Após a reunião em que se definiu a mudança definitiva do grupo para a quadra, me sentei na arquibancada para tirar a chuteira, ao lado do Carlos e perguntei *Semana que vem você não vem mesmo, não?* Carlos me respondeu que não teria como, nas outras ocasiões ele tinha jogado mas no outro dia tinha sentido muitas dores no joelho, mas como gostava do grupo e acho que fosse ser apenas algumas vezes, não via problema. Entretanto ao se definir que aquele seria o local da prática, achou melhor parar. "Cara, isso aqui é minha diversão, esses dias tudo aí que eu joguei na quadra, no outro dia quase não consegui trabalhar. A mulher quase me batia em casa de tanto que eu reclamava de dor. Então não dá pra mim não." Insisti, " Mas vai parar de vez? Vai jogar nenhuma peladinha mais não? Carlos me respondeu "Parar não dá né, os peões lá da firma tão jogando uma no Society Gauchão, gostava mais daqui porque é mais tranquila, lá dá muita confusão. Mas parar não vou né?! Vou acabar jogando com eles lá." Terminei de arrumar meu material e me despedi do Carlos, do Silva e dos que estavam próximos.

Os próprios Carlos e Silva, que mais se mostraram contra ao novo local, não eram de uma assiduidade que permitisse contar com eles na maioria das partidas. Por fim, o Thomaz pediu a palavra e argumentou que em todos os últimos jogos ele e o Ademar tiveram que ligar para os que demoravam a chegar ou buscar pessoas na praça que tivessem interesse em participar e que esse trabalho era desgastante.

A mudança do local do grupo, que antes era provisória, passou a ser então a solução que permitiu a continuidade da prática. Carlos e Silva mantiveram seu posicionamento contra e não mais apareceram.

A quadra ficava a poucos metros do campo. De estrutura simples, possuía alambrado em ferro para evitar que a bola saísse e é pouco menor que uma quadra padrão para campeonatos nacionais e internacionais da modalidade futsal.



Figura 12

Então, em 8 de outubro de 2014, primeiro dia em que o grupo estaria migrado de forma definitiva para a quadra, após a chegada e arrumação dos participantes, Ademar chamou a todos para uma reunião. Relato em nota do dia 08/10/2014:

Quando todos se reuniram no meio da quadra, Ademar começou a fala dizendo que algumas coisas tinham que mudar. *Agora que estamos direto aqui temos que combinar a regra certinho pra não ter ninguém falando depois que não sabia. Combinado não sai caro!* Thomaz então sugeriu que a divisão das equipes acontecessem por ordem de chegada dos participantes de maneira semelhante com a forma que já ocorria no campo. *Vocês só precisam estar atentos que já que na quadra cabem menos jogadores, o décimo primeiro em diante a chegar vai ficar no primeiro ou segundo time de fora.* A conversa sobre as regras prosseguiu até o momento em que o Ademar pediu para tocar em um último assunto para que pudéssemos jogar. *Pessoal, semana quem vem todos tragam cinco reais pra gente comprar uma bola pra quadra. Essa bola aqui já tá toda estragada e quica demais aqui.* Roberto saiu no mesmo momento da rodinha e rindo gritou *sabia que ia terminar em dinheiro esse conversa.*

Durante os 12 meses em que estive inserido no grupo futebol, essa foi a única menção a algum gasto coletivo do grupo. Do momento em que comecei a participar, até então, utilizávamos a mesma bola. Entretanto, com a mudança de local, era preciso uma bola que se ajustasse aquela especificidade de piso e os cinco reais pedidos tinham este destino.

Regras, arbitragem e modus operandi

No grupo futebol, as alterações visam resolver duas principais dificuldades: adequação do tempo de jogo ao horário disponível do campo e falta de participantes que queiram arbitrar a prática.

Qualquer morador da grande Vitória pode, na Secretaria de Esporte do município, com um comprovante de residência e um documento pessoal, reservar o campo durante 1 hora por semana, desde que este ainda não esteja destinado a outros grupos. Os horários mais procurados de segundas as sextas feiras são de 19 às 22 horas e nos sábados e domingos a procura é maior para os primeiros horários da manhã e para os fins de tarde.

Essa reserva possibilita que os grupos tenham segurança, já que quando chegarem ao local da prática o campo estará à disposição. Como observo em nota do dia 26/03/2014:

A chegada dos participantes e organização inicial do jogo ocorreu como de costume, entretanto, um fato chamou-me a atenção. Pouco antes do horário em que o grupo começa a prática, alguns jovens que já estavam no campo, iniciaram um jogo. Aparentavam ter entre 15 e 20 anos. Fiquei atento às reações dos que se arrumavam, mas ninguém esboçou nenhuma objeção quanto ao fato. As conversas giravam sobre resultados dos times de futebol profissional, brincadeiras habituais e a prática da semana anterior. No horário marcado, Ademar chamou todos para o campo e se dirigiu aos jovens pedindo que esses se retirassem já que tinha o horário reservado. Indicou uma quadra próxima para que continuassem. Os jovens saíram sem objeções e prática teve início.

Em sua forma competitiva de alto rendimento, o futebol dura noventa minutos regulamentares e mais alguns minutos de acréscimo, estabelecidos pelo árbitro, com o intuito de compensar o tempo em que o jogo esteve parado, seja por alterações, lesões e outros fatos. Esses noventa minutos são divididos em dois tempos de quarenta e cinco, com uma pausa de quinze entre ambos. Momento em que os times mudam de lado e passam a atacar a outra meta e a defender a que estava atacando na primeira etapa. No Grupo Futebol, como o campo é reservado pelo período de apenas sessenta minutos, a primeira etapa acaba aos trinta e as

equipes mudam de lado para o início da segunda, sem tempo destinado para intervalo. Mesmo quando o horário posterior está disponível, os jogos acabam sempre às 21 horas.

Se a primeira alteração corresponde aos aspectos estruturais de reserva do campo e definição de tempo de jogo, que pouco influenciam nos aspectos relacionais, a segunda é a base para toda a organização no coletivo, da individualidades dos sujeitos. Não ter no jogo a figura reguladora de um árbitro implica, em todos os instantes, que os participantes enxerguem-se como parte de um grupo mesmo aqueles que momentaneamente sejam seus adversários. A obrigação de pensar na coletividade se amplia. Não é possível que os lances duvidosos sejam resolvidos por um estranho às duas equipes. Nas diversas dúvidas de marcação que aparecem em um jogo, membros das duas equipes tem que chegar a um acordo para que a partida prossiga. E quando o acordo não parecer próximo, alguma das equipes têm que ceder. E, muito provavelmente, a decisão de ceder não será unânime em seus membros. Como podemos observar em nota do dia 22/04/2014:

Em um dos lances do jogo, a bola ficou dividida entre Felipe e Fernando e acabou saindo pela linha lateral. Tive a impressão de a bola ter batido por último em Felipe, que jogava em meu time. Entretanto, Felipe correu e se posicionou para bater o lateral, Fernando não aceitou a marcação e gesticulando sinal de negativo com a mão disse, *pode ir parando de roubalheira que a bola é nossa!* Felipe, como se não tivesse ouvido a reclamação, bateu o lateral mesmo assim. Alessandro, que era de nossa equipe e que recebeu o lateral, dominou a bola e chutou de longe, em um claro gesto de devolução, para o goleiro adversário. Felipe se mostrou insatisfeito com a devolução e reclamou, *não tinha que ter devolvido não. Era nossa!* Alessandro não deu atenção e o jogo prosseguiu.

Nos lances em que a dúvida se configura em que time deve ficar com a posse de bola em um arremesso lateral ou escanteio, a resolução acontece com mais facilidade, afinal, será só mais uma entre as tantas trocas de posse que ocorrem em uma partida. Entretanto, quando o lance em questão é a marcação ou não de uma falta, as discussões podem gerar atritos maiores. Para substituir o apito e a imposição do árbitro, quando alguma irregularidade é cometida no jogo, o grupo adota um procedimento que é chamado de *pediu, parou*. Como o próprio nome deixa sugerir, este artifício faz com que os praticantes tenham que pedir para que o jogo seja interrompido e retomem a posse de bola, através de uma cobrança de falta, quando sentirem que foram vítimas de alguma das infrações do futebol. Se a subjetividade dos árbitros em partidas de futebol profissional já é motivo de discussão na mídia e entre as

equipes envolvidas, quando os próprios jogadores têm que decidir sobre os lances em que estão envolvidos a dificuldade de obter consenso aumenta.

As heterogeneidades dos significados atribuídos ao esporte e a prática esportiva, que discutimos anteriormente, nos ajudam a explicar parte das dificuldades entre conciliar esse posicionamento de grupo com a competitividade natural do jogo. Se, para uns, o Grupo Futebol é só uma maneira de fazer uma atividade física, conhecer novas pessoas e/ou esquecer os problemas da vida cotidiana, para outros funciona como espaço para demonstração de habilidade, de superioridade técnica e de capacidade de atingir resultados na modalidade. As motivações individuais são diversas, entrelaçadas e maleáveis. Apresentar como motivo primário para a prática a necessidade de frequentar uma atividade física regularmente não faz com que em determinados momentos do jogo, ou em períodos maiores, este sujeito não dê valor a competitividade de uma forma mais exacerbada do que outro que apresente em seu discurso o “querer ganhar” como prioridade para frequentar a prática. Entretanto, uma competitividade exagerada pode gerar desconforto aos companheiros menos hábeis e aos adversários. Os participantes estão constantemente desafiados a permanecerem em uma zona alvo, em que estar pouco competitivo é atrapalhar, pois dificulta que a partida atinja um nível de disputa motivador e estar competitivo em excesso é criar um clima de tensão inadequado para o grupo.

Após a alteração do lugar da prática narrada no tópico anterior, algumas diretrizes precisaram ser revistas. Tínhamos, então, no Grupo Futebol, uma nova configuração quanto às regras e acordos dos jogos. As formas de entradas no grupo, as divisões das equipes e definições de arbitragem em caso de dúvidas nos lances de jogo permaneceram iguais. Já o jogo, que antes era bem semelhante ao futebol em sua versão instituída, agora se assemelhava ao futsal. O tamanho da quadra estava dentro dos limites mínimos e máximos indicados pela FIFA⁸, órgão que regula o esporte em sua versão competitiva, mas diversas outras regras foram abandonadas ou modificadas. As três que tiveram mais impacto na forma como o jogo é executado foram a diminuição do tempo regulamentar, mudança quanto a definição do término da partida e a alteração da regra do recuo.

⁸ Do Francês *Fédération Internationale Football Association*.

Alterações nas regras/Adaptações prioritárias	Questões Físicas e Inclusão	Rotatividade na Quadra e Tempo de Jogo	Aspectos Pedagógicos	Equilíbrio Competitivo e Aspectos motivacionais
Diminuição do tempo de jogo	Sim	Sim	Não	Sim
Definição do término da partida	Não	Não	Não	Sim
Alteração da regra do recuo	Não	Não	Sim	Não

Quadro 5: Alterações nas regras Grupo Futebol

A diminuição do tempo de jogo objetivava atender principalmente a três aspectos: *questões físicas e inclusão, rotatividade na quadra e tempo de jogo e equilíbrio competitivo e aspectos motivacionais*. O futsal em sua forma instituída é composto por dois tempos de 20 minutos: já no grupo as partidas inteiras duram 10 minutos ou dois gols. Em caso de alguma equipe chegar ao segundo gol antes do tempo estabelecido, imediatamente elimina a que está enfrentando e o próximo time se forma para entrar em quadra. Com esta medida, o jogo fica mais acessível aos que possuem uma idade mais avançada e/ou com os que sofrem com limitações físicas que impedem uma prática por um tempo maior. Os jogos se tornam mais curtos e caso o cansaço comece a influenciar no rendimento técnico, a equipe perde a partida e é obrigada a dar lugar a outra e a descansar. Ligado a esse aspecto, está a rotatividade dos participantes na quadra de jogo. Podemos perceber na fala do Bernardo em nota do dia 26/11/2014:

Esse negócio de dez minutos ou dois gols é bom que quando o cara tá cansando ele acaba perdendo e sai e o cara que tá dentro de quadra fica motivado pra fazer de tudo pra não levar o gol. Esses dias eu tava morto, botei o Felipe pra ficar correndo na frente e sem a bola tinha que ficar até meia quadra marcando, o Thomaz e o Roberto mais atrás mas saindo um pouco e eu quase de líbero, igual no futebol antigamente, sabe?

Logo, os times se alternam na quadra e possibilitam uma participação mais homogênea com respeito ao tempo de prática para os participantes. Outro aspecto

influenciado pela alteração da duração da partida foi o *equilíbrio competitivo e aspectos motivacionais*. Tendo um tempo máximo de jogo estabelecido em dez minutos, todos os jogadores sabem que minimamente irão jogar 30 minutos por dia de prática mesmo que percam todas as partidas. Além disso, outro mecanismo convencionado pelo grupo aumenta a possibilidade de esse tempo ser ainda mais bem distribuído, que é dar a vantagem do empate para o time que acabou de entrar. Assim, o time que acabou de entrar em quadra já sai em vantagem ante ao que venceu a última partida. Todos permanecem motivados em tentar continuar, mas as chances percentuais dos que permaneceram da última partida prosseguirem em quadra diminuem.

A definição do término da partida, que em competições oficiais de futsal é indicado pelo árbitro, no grupo acontece pelo deslind de dez minutos estabelecidos, como já demonstrado anteriormente ou quando uma das equipes chega ao segundo gol. Colocar a possibilidade de término antecipado da partida devido ao segundo tento tem o exclusivo desejo de tornar as partidas mais competitivas e, conseqüentemente, mais emocionantes para os participantes. Os jogadores estão amparados pela rotatividade mínima estabelecidas, que terão um tempo mínimo em quadra, mas querem buscar o prazer da vitória antecipada. Mesmo as equipes que continuariam em quadra em caso de empate assumem um papel de buscar a vitória durante o jogo, deixando para se preocupar em manter o resultado que lhe convêm apenas quando a partida já está em seus estantes finais.

A última mudança do futsal praticado em competições principais para o praticado no grupo é a alteração na regra do recuo da bola para o goleiro, que visa atender a um único aspecto: o *pedagógico*. Após diversas modificações durante os anos, está momentaneamente estabelecido pela FIFA⁹ que após o goleiro passar a bola para qualquer companheiro ele não poderá recebê-la até que ela ultrapasse o meio da quadra ou toque em algum adversário. Além disso, ele em hipótese alguma pode usar as mãos em uma bola tocada por um companheiro. Regra que no grupo era inteiramente ignorada. Como a maioria dos participantes não sabia e/ou não gostava de ser o goleiro, para que os participantes fossem aprendendo e minimamente fazendo a função ficou estabelecido que até mesmo a bola recuada por um parceiro de equipe poderia ser recebida com a mão.

A mudança de local obrigou a todas as adaptações anteriormente citadas e fez com que alguns participantes largassem o grupo, entretanto, com o desenrolar dos 2 meses

⁹ Do Francês Federation Internationale Football Association.

subsequentes fui notando uma animação maior entre os sujeitos. Se, no campo, quase todos os dias de prática os integrantes tinham que procurar pessoas para completar as equipes, ou jogavam com menos jogadores que o estabelecido, na quadra os que frequentavam com regularidade já garantiam os dois times em quadra e mais um do lado de fora esperando a próxima partida. Notei que o trabalho de organização do Ademar foi ficando cada vez mais tranquilo e as reuniões para cobranças sobre faltas e convite a amigos diminuíram. Ademar passou a fazer a função apenas de anotar o nome dos que chegavam primeiro nas duas equipes que começariam jogando, sempre de forma alternada, e levar a bola. Entretanto, a competitividade aumentou e foi possível perceber um aumento nas dúvidas e discussões nos lances de jogo. Com o novo mecanismo de eliminação de uma equipe perdedora e a entrada de outra para um novo jogo, a relação de participação\competição sofreu alterações. No campo, temos um número maior de jogadores na equipe, o que faz com que cada sujeito tenha uma responsabilidade mais dividida com os outros integrantes da equipe. Já no futsal, a responsabilidade de derrota e vitória está dividida em apenas cinco jogadores. Ao passo que se, antes, alguns jogadores mesmo sem grande habilidade ou conhecimento tático do jogo conseguiam participar fazendo as ações da forma mais simples possível, na quadra essas dificuldades técnicas ficaram mais visíveis e esses jogadores começaram a sofrer uma cobrança maior dos outros participantes. Em nota do dia 18/03/2015:

Quando cheguei, as duas equipes que iam começar jogando já estavam em quadra fazendo o aquecimento, conversando e definindo como os times jogariam. Do lado de fora, Igor, colocava o tênis e Claudécir e Renato esperavam. O primeiro jogo transcorreu normalmente e esperando conversávamos sobre os lances. Quando acabou os 10 minutos combinados, o placar estava 0x0 e o time que continuaria foi definido por par ou ímpar. Quando estávamos entrando em quadra, Igor se virou pra mim e falou, baixando o tom de voz, *hoje vai ser dureza*. Seu comentário era uma clara referência ao fato de termos no time dois dos que eram considerados pelo grupo os piores jogadores nos aspectos técnicos e táticos. Na primeira partida, perdemos por 1x0 numa falha na saída de bola do Claudécir bem no fim do tempo regulamentar. Do lado de fora, Igor falava aos outros, o que tinha que ser feito em quadra para que vencêssemos a próxima partida. No jogo seguinte, tomamos o primeiro gol e o Igor começou a ser mais incisivo nas reclamações com Renato e Claudécir. Até que tomamos o segundo gol e perdemos o jogo. Visivelmente nervoso, Igor começou a reclamar de forma mais acintosa com Claudécir, *uma coisa é não saber jogar, outra é não saber nem que a bola é redonda!* Ademar, que estava em quadra jogando, pede para que a partida pare, se vira para onde estávamos e fala com Igor, aqui não tem nenhum profissional, ninguém é obrigado a jogar bem! Se você está achando que joga demais pra jogar com a gente aqui, pode ir embora. Igor, retruca em voz baixa, *tá falando isso porquê o time tá*

ganhando toda hora. O jogo de Ademar recomeça e Igor não vai embora, mas se cala durante o resto do dia.

Com passar do tempo, fui notando que o sensível aumento na competitividade foi se ajustando e o relato anterior é um dos possíveis exemplos de pequenas ações que ajudaram a moldar o novo formato de participação na prática.

CAPÍTULO 3

Sintetizando: comparações e análises

Nos capítulos anteriores, de forma deliberada, escolhi apenas apresentar os grupos de praticas esportivas da orla de Vitória - ES indicados para a pesquisa, sem referenciar qualquer autor ou aprofundar análises. Essa opção se deve ao desejo de antes de principiar qualquer apreciação, comparação entre os grupos e/ou confrontação com outros estudos, tentar fornecer ao leitor informações que o aproximem da realidade observada pela pesquisa. É notável que alguns dos objetivos secundários e que servirão de suporte para análises das realidades encontradas, já apareceram no decorrer da apresentação dos grupos.

Os grupos estudados possuem semelhanças em suas formas de organização; o surgimento através de colegas de trabalho e a liderança bem definida em uma pessoa que se responsabiliza pelas decisões, tenta estabelecer os consensos e cuida da operacionalização prática, é notável. Dzhamgárov & Rumiántseva (1989) ao se referirem ao conceito de liderança, a tratam como um processo dinamizador e sintetizador dos fenômenos intra-grupais. No Grupo Futevôlei este papel é ocupado pelo Coronel. A liderança, negada pelo próprio, está a ele referenciada nos discursos dos praticantes e nas ações dos envolvidos. O mesmo ocorre com o Ademar no Grupo Futebol; seu empenho para o coletivo o faz ter a palavra de comando quando necessário, mesmo que este negue esta posição quando perguntado. A espontaneidade com que esses líderes se posicionaram é mais umas das semelhanças deste aspecto entre os grupos. As posições ocupadas pelo Coronel e Ademar não foram votadas ou pensadas formalmente, tampouco, oferecem qualquer privilégio ou benefício, estão pautadas no entendimento dos integrantes do grupo de que estas pessoas, através de um conjunto de ações, facilitam e organizam o acontecimento das práticas. Além disso, os dois são remanescentes dos sujeitos que fundaram os grupos. Sobre o início do grupo futebol, o Ademar responde;

Foi assim... eu sempre gostei de organizar pelada e uns 2 anos atrás estava só trabalhando...muito tempo sem jogar um futebolzinho.. aí comecei a falar lá na firma que a gente precisava marcar uma pelada... o pessoal foi gostando da ideia e agente marcou em uma quadra lá perto do trabalho mesmo... acabou que o pessoal do trabalho foi saindo... eu fui chamando outros.. o pessoal vai convidando e agora a gente tá aqui...

Os dois grupos acontecem uma vez por semana e tem duração de aproximadamente uma hora. Os materiais utilizados ficam à cargo dos líderes citados e dos frequentadores mais assíduos. A eles cabem os trabalhos de guardar o material e levar para os dias de prática. O trabalho de montagem de rede e fitas demarcatórias de quadra, no caso do Grupo Futevôlei, é distribuído entre todos os praticantes, de maneira aleatória. No Grupo Futebol o Ademar se responsabiliza pela bola e pelas fichas do sorteio das equipes.

Quanto às estratégias utilizadas para manutenção ao longo do tempo, os grupos apresentam conformações bem distintas. O Grupo Futevôlei possui maior solidez quanto aos frequentadores e também exige um número menor de praticantes regulares. Se no Grupo Futebol não é possível que a prática aconteça com menos de dez pessoas, no Futevôlei, com apenas seis, os jogos ocorrem normalmente. Divido aqui as ações para essa manutenção em operacionais e indiretas. Nas operacionais, agrupo as ações que possuem única e exclusivamente a função de fazer o grupo continuar acontecendo. Nas indiretas, elenco algumas características dos grupos que, ainda que não tenham o fim exclusivo de fazer a prática se perpetuar, têm influência observável neste aspecto.

Nas operacionais temos as entradas de novos participantes nos grupos, pensando em uma rotatividade natural, que acontece por fatores extra prática como, por exemplo, mudança de cidade, alguma enfermidade, alteração no horário de trabalho e outros. A admissão de novos membros não só se torna necessária, mas, também, parte estratégica para uma manutenção do grupo em longo prazo. No Grupo Futevôlei as entradas são quase que exclusivamente através de indicação de amigos que já participam; ocorre uma espécie de *apadrinhamento* do novato pelo que o trouxe e os outros o ajudam, através de brincadeiras e conversas, a se enturmar de tal forma que não se vincule mais a imagem da pessoa a do que a convidou. Entretanto, essa rotatividade não é tão alta, já que o grupo apresenta uma boa regularidade de seus frequentadores. No Grupo Futebol, o pedido do Ademar para trazer novos participantes, por diversos momentos, se fez necessário diante das dificuldades enfrentadas e aos momentos em

que o grupo esteve próximo a acabar. Entretanto, sua indicação era sempre clara, ao dizer para trazer pessoas que não fossem para *atrapalhar a pelada*. Existe para os dois grupos um perfil desejado, ainda que não estabelecido de forma sistemática, mas que aparece recorrentemente nos discursos dos frequentadores. Perguntados sobre o que é um jogador bom e um jogador ruim para o grupo, as respostas foram semelhantes. Apareceram por diversas vezes nas entrevistas e corroboram com minhas observações falas como: *ter paciência para evitar brigas, saber o momento adequado para brincar, ser uma pessoa boa e se enturmar*. De dentro do grupo, é possível perceber que saber jogar é um facilitador, entretanto, não é determinante e aparece de forma secundária e apenas em duas entrevistas.

Resposta do Ademar:

Olha, quando você fala bom assim [...] eu não falo do cara saber jogar bola não. Não adianta o cara vir aqui, driblar cem [...] fazer mil gols. Não é por isso que o cara é bom não [...] a gente vem aqui pra brincar, aqui o cara bom é o que joga tranquilo, sem picuinha, que sabe que todo mundo vai trabalhar no dia seguinte. Você já viu aqui... tem vez que o cara quer ganhar a qualquer custo.. aí a gente é obrigado a chamar a atenção... esse é o jogador ruim[...]

Outra estratégia operacional para manter o grupo em atividade é a utilização de um aplicativo de conversas para celular. Os dois grupos mantêm comunicação por este meio, sendo mais constante para o Futevôlei e em momentos específicos para o Futebol. O aplicativo facilita no convite aos praticantes faltosos e a calcular anteriormente as pessoas que poderão ou não comparecer no dia, além de funcionar como mais um espaço de sociabilidade do grupo.

As ações indiretas, a meu ver, possuem influência maior do que as operacionais, quando tratamos da manutenção e continuidade do grupo. Os grupos certamente se reorganizariam caso os líderes resolvessem não mais guardar e levar o material e inclusive já existiam antes que o aplicativo de conversas pelo celular fosse utilizado como ferramenta de comunicação. Entretanto, ter pessoas motivadas para estar no local da prática semanalmente e no horário combinado é o que faz o grupo ter continuidade ou não. Anteriormente no texto, já citamos Dumazedier (1994), para argumentar que os sujeitos passaram a ter cada vez mais tempo livre para o seu lazer. É difícil acreditar na existência dos grupos, caso os praticantes

estivessem em um regime de trabalho de 16 horas diárias. Entretanto, a suposição anterior não responde nossa questão. Ter tempo livre não é argumento suficiente para que o sujeito se insira espontaneamente em um grupo com práticas e estruturas, apesar de ser definidor quanto à possibilidade. É possível ver nos grupos reflexos do que Dumazedier chama de tripla renovação de valores. Os sujeitos que frequentam o Grupo Futevôlei e o Grupo Futebol foram beneficiados por essa renovação, já que tiveram uma significativa mudança na relação consigo mesmo e agora possuem tempo para uma expressão livre e individual. Com mais tempo livre, as relações com os outros sujeitos também mudaram, estão mais flexíveis e abriu-se a possibilidade para uma maior relação com a natureza e com as atividades ao ar livre, caso dos dois grupos pesquisados.

É também possível notar, quando tratamos dessas atividades ao ar livre, que, ao analisarmos as relações que os grupos possuem com os espaços de prática e o conceito de lugar antropológico proposto por Augê, nota-se o claro atendimento aos três aspectos característicos desses *lugares* (identitário, relacional e histórico), por assim dizer. O que nos faz refletir sobre o que Leite (2002) nos apresenta como *usos* e *contra usos* desses espaços. Para o autor, esses espaços são pensados, ainda que minimamente, com finalidades específicas. No caso desta pesquisa, podemos acreditar que tanto a quadra de futevôlei quanto o campo de futebol e a quadra de futsal foram construídos e elaborados com a finalidade de atender a um *esporte* específico, o hegemonicamente construído no imaginário social. Entretanto, minhas participações nos grupos durante a pesquisa me fizeram perceber que ali, mais do que o respeito às regras oficiais e aos tamanhos adequados instituídos pelas federações e confederações, existia um *contra uso* marcado por uma sociabilidade espontânea, que suplantava, em alguns momentos, até mesmo a busca pela vitória ou pelo praticar esportivo.

Mudanças estas postas, outros fatores internos do grupo também indiretos convergem para a continuidade da prática. Estão entre eles à busca por um ambiente agradável e de camaradagem entre os praticantes, os mecanismos que garantem uma rotatividade na quadra de modo que todos joguem uma quantidade de tempo parecida e a postura agregadora do líderes e dos participantes. Perguntado sobre quais são as estratégias utilizadas para manter o grupo em atividade, o Mergulhador responde:

[...] Rapaz, é a humildade cara. Quando o Coronel, por exemplo, que é muito humilde [...] chama as pessoas, manda mensagem para tudo mundo,

ele chega aqui, arma a rede, tem a maior boa vontade, então ele faz a coisa acontecer aqui, porque ele é o cabeça daqui e é a humildade dele que faz esse grupo tá sempre unido [...]

A fala do Mergulhador indica que não só os motivadores intrínsecos se fazem presentes; existem, também, fatores extrínsecos como convite dos amigos e valoração de uma pessoa admirada ou com posição social importante.

A manutenção dessa atividade coletiva acontece, pois o sujeito que escolhe em seu momento de não-trabalho, estar dentro de uma prática constituída de uma lógica particular de significação, de alguma maneira está expressando o que é e o modo que vive. Stigger (2002), ao se deparar com a mesma observação nos três grupos de sua pesquisa (Caídos, Anônimos e Castelo), argumenta que estes sujeitos incorporam as práticas esportivas referidas no estudo, como parte de seus *estilos de vida* e para conceituar o termo, cita Giddens (1997), ao dizer que o *estilo de vida* constitui assim a *maneira de ser* de um indivíduo, que não deixa de ser influenciada pelo contexto social mais ampliado, relativo às normas de condutas e posições socioeconômicas que lhe são impostas. A maioria dos praticantes possui história de vida e situações econômica e familiar singulares. Entretanto, colocam a prática entre suas prioridades ontológicas. Entre os que podemos considerar frequentadores assíduos a taxa ausências é baixa nos dois grupos pesquisados. Fala de Ademar:

[...] eu tenho o compromisso aqui, então minha mulher já sabe que quando dá a quarta e já vou vir do trabalho direto pra cá. Às vezes fica brava porque tem algo na igreja pra ir, mas eu não abro mão não, agora assim, se tiver que trabalhar ou algo importante de família assim... aí eu falto [...]

É de se compreender que nem todos dos grupos possuem a mesma forma de relacioná-lo com os outros afazeres de seus cotidianos. Mas partindo do princípio observado de que as práticas compõem parte dos estilos de vida desses sujeitos, podemos entender o porquê de tão baixa taxa de ausência entre os frequentadores regulares.

Outra forma de interferência da prática nas outras esferas das vidas dos sujeitos, essa recorrente apenas no Grupo futevôlei, são os eventos com os membros do grupo, mas que não tenham relação direta com a prática. No grupo Futevôlei são recorrentes as reuniões em bares, churrascos com as famílias e até uma viagem anual. O grupo, então, passa a existir não

só para a prática, mas, sim, como o principal espaço de sociabilidade de um coletivo em que seus participantes tem clara sensação de pertencimento. O que ocorre também, mas em menor escala, no Grupo Futebol, já que neste os encontros se resumem a uma hora por semana. De qualquer forma, estar dentro de um grupo é, em todo o momento, entrelaçar os próprios anseios e desejos individuais aos de outros sujeitos. Sobre isso, Elias (1994) diz:

Só a conscientização da autonomia relativa dos planos e ações individuais que se entrelaçam, da maneira como o indivíduo é ligado pela vida social a outros, permite uma compreensão mais profunda do próprio fato da individualidade. A coexistência de pessoas, o emaranhamento de suas intenções e planos, os laços com que se prendem mutuamente, tudo isso, muito longe de destruir a individualidade, proporciona um meio no qual ela pode desenvolver-se.

Ou seja, a busca por estar em um desses grupos é também uma busca por um espaço em que apareçam e se desenvolvam as individualidades dos sujeitos. É espaço para desenvolvimento de um novo modo de ser do indivíduo, que transborda os momentos de prática esportiva e aparecem nas diversas outras esferas de sua vida.

Entretanto, quando pensamos as estratégias de manutenção dos grupos dessa pesquisa e confrontamos com outros estudos, percebemos que não são essas organizações ou formas estruturadas de perpetuação que garantem exclusivamente uma prática. Se os grupos pesquisados por Nori (1998) nas praias de Santos utilizavam estratégias parecidas com as do Grupo Futevôlei e do Grupo Futebol, o que poderíamos dizer do Grupo Anônimos da pesquisa do Stigger (2002) que possuía regularidade e praticantes em grande número, entretanto, sem nenhuma sistematização e/ou vínculos prévios ou posteriores entre os que se encontravam nos mesmos horários e locais para as práticas?! Não era preciso para os sujeitos, terem nenhum tipo de contato ou confirmação sobre os praticantes irem ou não. Eles apenas apareciam e a prática acontecia entre os que estavam presentes e por vezes os sujeitos se dividiam em diversos pequenos grupos. Em um outro extremo, encontramos a pesquisa do francês Loic Wacquant que apresenta um gueto norte-americano arrasado pela violência, falta de estruturas básicas e que a partir de uma academia de boxe como normas rígidas e hierarquia bem estabelecida transformava o esporte como um plano de vida para muitos dos inseridos.

Ao pensarmos os esportes praticados pelos grupos pesquisados, temos o futebol, um esporte amplamente massificado no Brasil, com grande número de praticantes e com considerável exposição midiática. Sua penetração no cotidiano de grande parte dos brasileiros é inegável e independe de se gostar ou não da modalidade. E o futevôlei, modalidade com constituição mais recente, com menor apelo e com praticantes concentrados nas áreas litorâneas do país. Essas distinções tão notáveis entre as duas modalidades têm reflexos na apropriação das características desse esporte pelos grupos.

Nas observações feitas nos quadros *Alterações nas regras e Adaptações prioritárias* destaco quais são as mudanças do esporte institucionalizado para o esporte praticado pelo grupo e apresento os porquês dessas alterações. Enquanto o Grupo Futebol faz pequenos ajustes operacionais, mas preserva grande parte das regras, o Grupo Futevôlei parece ter criado uma nova modalidade; suas alterações são frutos de uma menor proximidade quanto à modalidade em seu formato competitivo, mesmo os que dizem acompanhar, não conhecem os jogadores e/ou categorias principais. Conversando com os praticantes, notei que grande parte nunca tinha assistido a uma partida sem que esta fosse do próprio grupo.

No Grupo Futebol todos acompanham, mesmo que esporadicamente a modalidade que praticam. É fácil perceber, nos jogos, falas dos sujeitos referenciando jogadores ou jogadas vistas nas principais competições. Entretanto, apesar das diferenças citadas, o aspecto equilíbrio competitivo é valorizado da mesma forma nos dois grupos. Enquanto nas categorias principais, as equipes com seus jogadores e torcedores buscam uma hegemonia, nos grupos estudados, o que se têm como alvo é ter o jogo mais equilibrado possível. Bouet (1968), ao tratar da inter-relação presente no esporte, de se competir com aquele que também é companheiro, já que sem o adversário a prática ficaria impossibilitada, diz que a tensão em direção ao objetivo e a tensão em direção ao outro são recíprocas e fundadas uma sobre a outra, formando uma estrutura paradoxal que, mal compreendida na sua significação, pode parecer absurda.

Elias e Dunning (1992) tratam dessa busca pelo equilíbrio competitivo e inter-relação companheiro/adversário como um dilema de conciliação entre a excitação gerada por um processo agradável de descontrole e os dispositivos de vigilância implantados nas práticas. Se no grupo futevôlei essa busca pelo equilíbrio já estava instituída e as revisões das

conformações das equipes¹⁰ já eram aceitas com mais naturalidade pelos praticantes, no Futebol pude acompanhar o processo que fomentou esta mudança. Quando o Grupo acontecia no campo, as divisões das equipes eram feitas de forma aleatória e duravam toda a prática, já quando o grupo teve que migrar para a quadra, alguns jogadores ficavam do lado de fora, esperando umas da equipes vencer, para assumir a posição de um dos jogadores da equipe perdedora. Ao acaso, estava criado um mecanismo de rotatividade que equilibrava as partidas sem que houvesse grandes intervenções. O único combinado é que a pessoa que estivesse do lado de fora não poderia escolher sempre a mesma para sair.

Desta forma, podemos notar que as semelhanças e diferenças apresentadas nos dois grupos estudados por essa pesquisa parecem ser uma característica das possíveis apropriações infinitas desse esporte permanentemente mutável.

¹⁰ Falo aqui das diversas vezes em que quando um trio esteve bem mais forte que os outros, o Coronel parou a partida e redividiu as equipes para tentar fazer com que os jogos ficassem mais equilibrados.

Considerações finais

A inserção nos grupos pesquisados não foi minha primeira experiência em práticas com essas características e nem a única em que estive inserido em alguma das formas de manifestação esportiva. Além dos grupos de constituição semelhante aos dois da pesquisa, as experiências que tive como praticante nas chamadas escolinhas e nas *peladas de rua*, quando criança, membro de equipes de categorias de base mais tarde, frequentador como torcedor nas arquibancadas, preparador físico de equipe profissional de futebol entre outras formas, foram de imensa contribuição para minhas inquietações quanto às interpretações definitivas do esporte. Entretanto, se colocar nos grupos com um olhar crítico e investigador foi sem dúvida um desafio. Se em alguns momentos me vi pouco à vontade e agindo de forma diferente do que agiria caso estivesse no mesmo grupo, mas sem a posição de pesquisador, por outros me vi tão envolvido com as ações que quase esqueci completamente meu propósito.

Após o longo caminho percorrido pela pesquisa, narrado nas páginas anteriores, busco agora apontar minhas principais observações que servem como considerações finais para este texto, mas, também, como inquietações propulsoras para buscar novos limites que não consegui ultrapassar neste estudo.

Para me apropriar do aparelho conceitual necessário para a operacionalização e análises da pesquisa, busquei diversos estudos, alguns citados no *tópico Esporte e Sociedade: revisão* e outros não, que percorreram trajetórias semelhantes as minhas e pude observar que ainda os que se inseriram com as mesmas estratégias, em locais com estruturas semelhantes e em grupos de faixa etária equivalente, apresentaram em suas conclusões temas diversificados e estruturas internas particulares. Observando, mesmo que superficialmente, outros grupos que utilizavam o mesmo local que o Grupo Futevôlei e o Grupo Futebol, era possível notar claros aspectos distintivos.

Outra importante observação é que como citado, as pesquisas apontam, uma grande diversidade de motivações dos sujeitos para as práticas, além de cada indivíduo ter as suas próprias, elas não estão linearmente estabelecidas. O sujeito que indica estar no grupo prioritariamente para realizar uma atividade física, em determinada época ou momento, está

altamente competitivo e realizar a atividade física se posiciona em plano secundário para suas motivações.

As diversidades de opiniões, ações e motivações encontradas nos campos e quadras dos grupos investigados, indicaram em todo momento um *esporte* novo. Não se enquadram em categorias duras e inapeláveis. O mosaico proposto por Stigger (2002) em que o autor compara o entendimento da inserção do esporte na sociedade a uma junção de peças de um quebra-cabeça, parece mesmo estar inacabado e se mostra cada vez mais inacabável, como sugeriu o autor.

Logo, como poderia definir as motivações estabelecidas pelos praticantes, se em todos os momentos, estão passíveis de alterações e novas ressignificações? Mariovet (1998) diz que temos que considerar que os sujeitos que atualmente praticam o esporte se caracterizam por uma cada vez maior heterogeneidade, o que implica novas linhas de complexidade, todas elas convergentes para a satisfação de níveis de realização por parte dos que a ele acendem, também estes com interesses diversificados.

Podemos notar que apesar de alguns casos responderem parcialmente sobre as características do esporte contemporâneo, os estudos não conseguem apresentar definições estabelecidas a esse esporte heterogêneo e mutante. Citarei, aqui, alguns dos contrastes argumentativos. Gaya (2004) alega que não haverá esporte sem que estejam presentes a preocupação com o regulamento, com o rendimento corporal e a competição. Em poucos momentos e com pessoas específicas, me deparei nos grupos com preocupações sobre o rendimento na prática. Estando a competição e a melhora de desempenho como foco dos praticantes, a busca pelo equilíbrio nos jogos não faria sentido. Todos almejavam a sua própria melhora na prática e, em consequência, a busca pela hegemonia. Algo que não ocorre com a maioria dos participantes.

Da mesma forma, das sete características do esporte moderno, propostas por Guttmann (1978), cinco não podem ser vinculadas aos aspectos que marcam os universos dos grupos estudados. Entre elas, a *especialização*, pois em nenhum dos grupos é possível notar qualquer tipo de aprofundamento em determinada função visando à melhora de rendimento ou a busca pelo profissionalismo. Ao contrário, no Grupo Futevôlei os que exercem apenas uma função, a de levantador, o fazem para poderem se incluir na prática já que ali não precisam ter o desempenho físico de outras funções. As estruturas dos grupos não possuem uma lógica clara *racionalizada* de relação entre meios e fins e nem uma criação de

tecnologias com finalidade de atingir a determinados objetivos. Não existem *organizações burocráticas* nem sistemas de competições em diferentes níveis. A *quantificação* está em plano secundário, vitórias e derrotas só são lembradas para fomentar as conversas e brincadeiras, mas não são contabilizadas oficialmente e a busca pelo *record* inexistente.

Está claro, então, que, se assumirmos algumas definições apresentadas para o esporte moderno, excluiríamos as duas práticas em que estive inserido. Entretanto, parecem existir algumas saídas epistêmicas como a organização proposta por Puig e Heinemann (1991) que demonstra pontos de interseções entre as polarizações apresentadas. Essa estratégia facilita, por exemplo, que entendamos o Grupo Futevôlei como um claro representante do **modelo expressivo**, já que possui uma organização simples, nenhuma busca pelo lucro e até mesmo baixa relação com as regras oficiais da modalidade praticada, mas que também permite que não excluamos o Grupo Futebol deste modelo, simplesmente por sua maior proximidade no que diz respeito as semelhança nas regras, da sua versão institucionalizada. Apesar então, de praticar a modalidade com regras quase iguais a da modalidade no **modelo competitivo**, o Grupo Futebol carrega em seu interior, fortes traços atribuídos ao **modelo expressivo** como; estruturas internas maleáveis e abertura para inovação sem obrigações com os resultados.

Julgo, aqui, ter fornecido um pequeno retrato dos grupos pesquisados e das suas constituições. Ao operacionalizar a pesquisa, esbarrei em uma importante dificuldade que, mesmo após o término, continuo sem conseguir respostas exatas para solucioná-la. Ao meu olhar, as entrevistas não foram tão proveitosas quanto gostaria. Durante o processo escolhi realiza-las na metade final das minhas inserções no campo. Essa escolha se originou da intenção de não me colocar nos grupos como um intruso que buscava ali, apenas informações para seu estudo. Temi que com este procedimento, aumentassem as barreiras e os integrantes passassem a não me tratar com a naturalidade habitual que os novos sujeitos são recebidos, o que muito comprometeria as observações. Entretanto, ao escolher a parte final das observações para executar as entrevistas, perdi a possibilidade de ir me aprofundando nos dados obtidos nas mesmas, durante o processo. Além disso, ao serem entrevistados por um sujeito que já estava inserido em sua prática, notei que as respostas perderam em espontaneidade. Cada realidade apresentará um quadro específico e aos que se proporem realizar estudos semelhantes, pensar em estratégias para solucionar esta limitação é de suma importância.

Após a pesquisa, é possível concluir que o esporte dos cotidianos urbanos está cada vez mais diverso e inspirará ainda mais atenção por parte dos pesquisadores que buscam entender as nuances das sociedades contemporâneas. As características singulares dos universos pesquisados vão ao encontro à heterogeneidade apresentada pelos estudos que percorrem caminhos semelhantes aos meus e esta diversificação aponta para uma continuidade da representatividade que o esporte possui e para o fortalecimento das infinitas apropriações que funcionam como ramificações que se entrelaçam aos cotidianos urbanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e desporto, 1997.

CARLOS, A. *Espaço-Tempo na Metrópole. A fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

Conseil Internationale d'Education Physique et Sport – *Manifesto mundial do desporto*. Autor, 1964.

COSTA, V. *Futebol de praia: representações simbólicas do espaço lúdico*. Coletânea do 3 Congresso Latino-Americano da ICHPER SD. Tema livre. Foz do Iguaçu, 1996.

DAMO, A. *Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro*. Movimento. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (org) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIEM, C. *Historia de los deportes*. Barcelona: Luis de Caralt, 1966.

DZHAMGÁROV, T.; RUMIÁNTEVA, V. *Liderazgo e em deporte*. Moscou, 1989.

GASTALDO, E. *Futebol e Sociabilidade: Apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas*. Esporte e Sociedade, N.3, 2006.

GONÇALVES, A. *Futebol amador: campo emergente de sociabilidade*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

GUTTMANN, A. *From ritual to record – the nature of modern sports*. New York, Columbia University Press, 1978.

ELIAS, N., DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.

EPPENSTEINER, F. *El origen del Deporte*. Instituto Nacional de Educacion Física y Deportes, In Citius Altius Fortius, Madrid, 1973

FILHO, et. al. *O termo Práticas Corporais na Literatura Científica Brasileira e sua Repercussão no Campo da Educação Física*. Movimento (UFRGS, impresso), v. 16, p.11-29, 2010.

HABERMAS, J. *Era das transições*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HEINEMANN, K.; PUIG, N. *O esporte na perspectiva do ano 2000* [El deporte en la perspectiva del año 2000] Papers 38, Barcelona, Espanha, p.123-141, 1991.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

KASTRUP, V. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. Psicologia & Sociedade 19 (1), 15-22, 2007.

LOVISOLO, H. *Sociologia do esporte: viradas argumentativas*. Anais do XXVI Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 2002

LUCENA, R. *O Esporte na Cidade: aspectos de um esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados/CBCE, 2001.

MAGNANI, J; MORGADO, N. *Tombamento do Parque do Povo: futebol de várzea também é patrimônio*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Cultura - Brasil, v. 24, 1996.

MANDELL, R. *Historia Cultural del Deporte*. Edicions Bellaterra. Barcelona, 1986.

MENDES, D; RIBEIRO, S. *Projeto orla: estrutura, equipamentos e usos da orla na praia de Atalaia em Aracajú/SE*. Relatório final de pesquisa. Aracajú, 2011.

MARIVOET, S. *Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas – O caso português no contexto europeu*, Configurações. Coimbra, 2009

MYSKIW, M. *Nas controvérsias da várzea: Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*. 2012. 415 f. Tese (Ciências do Movimento Humano) - Ciências do Movimento Humano/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PILATTI, L. A. *Guttman e o tipo ideal do esporte moderno*. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Orgs.). *Esporte: História e Sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

PRIETO, L. *Deporte y Estado*. Madrid: Editorial Labor, 1979.

PRIORE, D.; MELO, V. (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

PRONI, M; LUCENA, R. *Esporte História e Sociedade*. Autores Associados/CBCE. Campinas: 2002.

ROWLAND, R. *Antropologia, história e diferença – alguns aspectos*. 3. Ed. Porto, Edições Afrontamento, 1997.

SILVA, J. L. *Futebol: amadorismo em tempos de profissionalismo*. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v.42, n.1, 2011.

SOUZA, G.; GALATTI, L. *Pedagogia do esporte e iniciação ao futevôlei: uma proposta didática a partir da expansão das superfícies de jogo*. Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires), v.13, p.1 - 1, 2008.

SPAGGIARI, E. *Tem que ter categoria: construção do saber futebolístico*. 265 f. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – FFLCH, USP, São Paulo, 2009.

STIGGER, M. *Esporte, lazer e estilos de vida um estudo etnográfico*. SP: Editora dos Autores Associados, 2002.

TUBINO, M. *Teoria geral do esporte*. IBRASA. São Paulo, 1987

WACQUANT, L. *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

UEBERHORST, H. *Frisch, frei, stark und treu. Die Arbeitersportbewegung in Deutschland 1893-1933*. Düsseldorf 1973.

Anexos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Sr. Participante,**

Eu, Vinicius Nogueira Gaspar, venho respeitosamente convidá-lo a participar da pesquisa *As práticas esportivas na orla de Vitória-ES: Um estudo entre praticantes de futevôlei e futebol.*

Como participante da pesquisa, o senhor passará por uma entrevista. Sua identidade não será divulgada, de modo a garantir o anonimato previsto em lei. Esclareço, ainda, que não lhe será causado qualquer desconforto ou prejuízo pessoal e/ou profissional.

As informações prestadas pelo senhor, serão utilizadas somente para os fins da pesquisa. Caso seja do seu interesse, poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento.

Vitória-ES, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do participante

Roteiro de Entrevista

Identificação

Nome

Idade

Profissão

Perguntas

1. Qual é a sua trajetória com a prática esportiva e com o grupo que está inserido?
2. O que configura um bom dia de prática para você?
3. Você acompanha como torcedor as categorias principais do esporte em que pratica?
4. O que te faz ser um frequentador do grupo?
5. O que é preciso para frequentar o grupo?
6. A prática interfere na sua rotina? Você deixar de fazer algo para frequentar o grupo?
7. Como você observa a relação do grupo com o local em que a prática acontece?
8. Você mantém relações interpessoais com membros do grupo em momentos fora da prática?
9. Como você define um bom jogador e um jogador ruim para o grupo?
10. Como são resolvidas as dúvidas de arbitragem nos jogos?
11. Quais são as estratégias utilizadas para manter o grupo em atividade?
12. Você pode nos contar alguma história do grupo que tenha te marcado?

Entrevista transcrita

Perguntas

Pesquisador : Nome?

Sujeito: J. C. A.

Pesquisador : Idade?

Sujeito: 62...

Pesquisador : Profissão...

Sujeito: É... militar...

Pesquisador: Qual é a sua trajetória com a prática esportiva e com o grupo que está inserido?

Sujeito: Bom... antes de nós chegarmos a praia... nós iniciamos ali no clube dos oficiais o futevôlei com quique... a bola poderia quicar na quadradura... para você ir adquirindo experiência e habilidade... com o passar do tempo... verificamos que nosso nível estava bem elevado e viemos para a areia... a partir de 2010 e estamos até hoje...

Pesquisador: O que configura um bom dia de prática para você?

Sujeito: O ideal... tirando o tempo que é muito importante... é a convivência entre o grupo... as pessoas conseguirem controlar os nervos para que o grupo tenha harmonia e desenvolva a prática esportiva com qualidade de vida...

Pesquisador: Você acompanha como torcedor as categorias principais do esporte em que pratica?

Sujeito: Sim... isso está no sangue... porque quando você tem amor pela prática do esporte... você acompanha a nível estadual... a nível nacional... e através de vídeos... torneios... e sempre valorizando essa prática esportiva...

Pesquisador : Você acompanha porque quer ver os atletas ou porque quer assistir um pouquinho pra fazer aqui o que você vê nos vídeos?

Sujeito: É porque você gosta de fazer e gosta de ver como faz... novidades que tem na prática... mas na verdade é o amor ao esporte... isso faz com que você quando nas horas vagas...você procura na televisão e acompanha esses torneios nacionais que acontecem...

Pesquisador: O que te faz ser um frequentador do grupo?

Sujeito: Pois é... o grupo.... ele interage de forma que a coesão vai acontecendo e isso naturalmente... ele não se dispersa... você tem um grupo no telefone... whatsapp... e ali as conversas e as resenhas que nós chamamos... a gozação sadia.. isso faz com que o grupo se mantenha unido...

Pesquisador: O que é preciso para frequentar o grupo?

Sujeito: Pois é... paciência... muitas vezes você tem que ter muita paciência... a gente sempre pede aos companheiros que evitem provocações quando o adversário não está afim de ser provocado... então ter paciência de conviver harmonicamente para fortalecer o grupo...

Pesquisador: A prática interfere na sua rotina? Você deixar de fazer algo para frequentar o grupo?

Sujeito: Sim... e muito... tudo eu planejo em função daquele horário do futevôlei inclusive até na família você tem algum estresses com mulher com filho porque a bola é em primeiro plano mas a gente tem que conviver e as pessoas entenderem que não é assim...porque você faz tudo que tem que ser feito... e a hora do esporte também... é a hora do esporte...

Pesquisador: Como você observa a relação do grupo com o local em que a prática acontece?

Sujeito: Pois é... a praia é um local público né... é aberto... muitas vezes no verão... você interage com a população... com os frequentadores da praia... porque as pessoas gostam e veem... tem aqueles também que se incomodam com a prática esportiva...essa relação né... praticantes do esporte com usuário da praia... com o banhista... ela tem que ser bem sadia...

Pesquisador: Você mantém relações interpessoais com membros do grupo em momentos fora da prática?

Sujeito: Sim... o grupo ele gira entorno dessa convivência aqui dentro ou fora... seja através de um churrasquinho... através de casamento de alguém... através do dia dos namorados... e essas coisas sempre giram entorno dessa... essa inter-relação ela é automática...

Pesquisador: C., como você define um bom jogador e um jogador ruim para o grupo?

Sujeito: Pois é... tem duas maneiras de definir... tem aquele que é bom relamente... ele é craque... e tem aquele que é apaziguador... muitas vezes é preferível você jogar com um mais apaziguador do que com um craque problemático... então isso é muito interessante porque... no futevôlei tem que ficar bem claro o seguinte... muitas vezes o extremo...ele atrapalha... seja ele bom demais ou seja ele ruim de mais... ele sofre com isso.. o ideal seria que todo mundo tivesse a mesma faixa... o mesmo nível...

Pesquisador: C., Como são resolvidas as duvidas de arbitragem nos jogos?

Sujeito: Pois é... como nó não temos árbitro fixo...é... quando tem problemas... nós utilizamos a prática de voltar o saque... de voltar a jogada... tá... para que a coisa flua de forma harmônica para o bem estar de todos...

Pesquisador: C., Quais são as estratégias utilizadas para manter o grupo em atividade?

Sujeito: Pois é... muitas vezes nós temos até... até cancelar um dia de jogo para queaquela pessoa que em tese... cometeu um ato que venha a desagradar... faça uma reflexão para evitar que isso aconteça... são estratégias de tipo... uma autopunição para aquela pessoa que cometeu um ato que desagrade o companheiro...

Pesquisador : Quando acontece algum problema de repente para-se o jogo para que a coisa se resolva e á depois joga melhor...

Sujeito: Sim.. durante o jogo... isso aí é muito importante... sentar... sair do jogo para que aquele que cometeu aquele ato... ele fação uma reflexão de segundos... verificar o que ele falhou para que a coisa não volte acontecer...

Pesquisador : C., e no sentido da prática continuar acontecendo... do grupo não se desfazer... quais as estratégias utilizadas?

Sujeito: Pois é... se a pessoa persistir... nó chegamos ao ponto já de solicitar um colega aqui... que deixasse de comparecer no nosso grupo... porque ele estava trazendo muito problema...então tivemos que chegar a esse ponto de excluir um colega...

Pesquisador : Em algum momento dessa prática., você sentiu que o grupo poderia acabar porque estava faltando gente demais ou por algum outro motivo?

Sujeito: Sim... o grupo passa por isso... o grupo passa por isso... esses estresses que nós chamamos muitas vezes enfraquecem...mas... o núcleo do grupo é forte e sempre acaba a coisa sobrevivendo...

Pesquisador: Você pode nos contar alguma história do grupo que tenha te marcado?

Sujeito: Pois é... a história do grupo quando nós começamos... a primeira... um dos nossos sonhos era... vamos jogar em Copacabana... organizamos uma excursão... viajamos para o Rio... levamos a nossa rede... jogamos lá em 2011... e aí se tornou praxe.. 2012...2013..2014 e já estamos agora em 2015... em setembro iremos novamente jogar em Copacabana.

Pesquisador: C., obrigado.

Sujeito: Você me pega de surpresa pô...(risos)

Entrevista transcrita

Perguntas

Pesquisador: Boa noite... nome?

Sujeito: C. G. H.

Pesquisador: C. Idade?

Sujeito: Eu tô com 48 anos...

Pesquisador: Profissão?

Sujeito: Mergulhador...

Pesquisador: C. qual é a sua trajetória com a prática esportiva e com o grupo que está inserido?

Sujeito: Tem um tempo já que eu estou com esse grupo aí... fiz amizades... jogava frescobol na praia e de repente machuquei o braço e comecei praticar um pouco de futevôlei... aí desde um tempo aí que eu estou com eles já...

Pesquisador: O que configura um bom dia de prática para você, C.?

Sujeito: Um dia de tempo bom... bom clima... sem chuva... é... sem vento... e quando vc pega um parceiro bom e você ganha todas...esse é o dia maravilhoso...

Pesquisador: Ganhar todas é a melhor...

Sujeito: Melhor coisa que tem é ganhar todas...

Pesquisador: Você acompanha como torcedor as categorias principais do esporte em que pratica?

Sujeito: Muito pouco... muito pouco... eu não vejo muito não... tem até um amigo meu... o Bruno que é um excelente atleta... campeão aí... mas eu quase não vejo não...

Pesquisador: O que te faz ser um frequentador do grupo, C.?

Sujeito: Amizade... eu fiz aqui uma amizade muito boa... só gente boa... gente fina... gente de qualidade aqui... então é isso que é a melhor coisa que tem nesse grupo é isso aí...

Pesquisador: C. o que é preciso para frequentar o grupo?

Sujeito: Precisa você ter um pouco de entendimento de bola... de domínio de bola... e ser uma pessoa boa né... para estar com todo mundo junto aí... você tem que ser uma pessoa muito boa... para se enturmar com a rapaziada aí que é tudo gente fina...tudo gente da melhor qualidade...

Pesquisador: C., a prática interfere na sua rotina? Você deixar de fazer algo para frequentar o grupo?

Sujeito: Não... não deixo... quer dizer... isso aqui é mais um... você trabalha o dia todo né... chega no final da noite... você quer fazer alguma coisa pra desestressar e chega aqui você brinca... morre de rir e joga sua bolinha e é maravilhoso isso aí...

Pesquisador: Como você observa a relação do grupo com o local em que a prática acontece?

Sujeito: Ah... a reação do grupo aqui é só brincadeira... tudo... ninguém leva nada a sério aqui... um gozando o outro... é muito legal... é muito legal... que é uma amizade muito boa aqui...

Pesquisador: Mas assim.... no local da praia... aqui... a prática acontecendo... como você acha que o grupo lida com a relação com os outros frequentadores da praia... com o local... se de repente mudasse de local... o grupo aconteceria da mesma forma?

Sujeito: Não aqui o local... já tentamos mudar de local aqui mas não deu muito certo não... então aqui o local é o ideal... pelo espaço aqui...pelas pessoas que gostam de vir aqui... é tá mais perto de todo mundo né...por isso escolhemos sempre aqui... porque aqui é melhor...

Pesquisador: Você mantém relações interpessoais com membros do grupo em momentos fora da prática?

Sujeito: Todos... todos... nós temos até um grupo de whatsapp aí... que a gente tá sempre se comunicando... dando aquelas piadinhas de vez em quando aí... e tá tudo junto em churrasco... as vezes festa... aniversário... casamento... a gente tá sempre muito unido... muito unido...

Pesquisador: C. como você define um bom jogador e um jogador ruim para o grupo?

Sujeito: O bom é o que nós... é aquele que tem muita habilidade... nós temos um aqui que tem muita habilidade... que ele corta... ele defende bem... então esse é o bom jogador... e o jogador ruim é aquele que tá começando e fica nervoso... as vezes erra bola fácil... e não consegue... e não consegue a dinâmica do jogo...mas com a prática ele vai sempre melhorando e fica tudo no mesmo nível...

Pesquisador: Como são resolvidas as dúvidas de arbitragem nos jogos, C.?

Sujeito: Rapaz, aqui as vezes tem muita confusão cara (risos) aqui a galera pega pesado... discute... discute... sabendo que a discussão não leva a nada né... mas as vezes a pessoa discute porque um fala que foi dentro... outro fala que foi fora mas no final tudo acaba bem... tudo acaba bem... tudo fica legal....

Pesquisador: C. Quais são as estratégias utilizadas para manter esse grupo em atividade?

Sujeito: Rapaz... é a humildade cara... quando o Coronel por exemplo que é muito humilde... ele chama as pessoas... manda mensagem para tudo mundo... ele chega aqui... ele arma a rede... ele tem a maior boa vontade... então ele faz a coisa acontecer aqui... porque ele é o cabeça daqui e é a humildade dele que faz esse grupo tá sempre unido...

Pesquisador: C., você pode nos contar alguma história do grupo que tenha te marcado?

Sujeito: Não... eu não tenho nenhuma situação não...

Pesquisador: Obrigado.

Entrevista transcrita

Perguntas

Pesquisador: Nome?

Sujeito: L.A.

Pesquisador: Idade?

Sujeito: L.A.

Pesquisador: L.. Profissão?

Sujeito: Taxista

Pesquisador:L... qual é a sua trajetória com a prática esportiva e com o grupo que está inserido?

Sujeito: Sempre joguei futebol.... aí quando passava e vias os caras jogando um futevôlei e achava legal... mas não conhecia ninguém que jogava... até que um amigo meu...que acho que você nem chegou a conhecer... foi trabalhar no interior... ele estava jogando aqui tinha um tempo e me chamou...

Pesquisador: E quanto tempo você está no Grupo?

Sujeito: Ah... isso tem tempo já.. deve ter uns dois anos ou mais...

Pesquisador: O que configura um bom dia de prática para você?

Sujeito: Bom dia é vir aqui... ninguém se machucar jogar entre amigos... participar dessa brincadeira...

Pesquisador: Você acompanha como torcedor as categorias principais do esporte em que pratica?

Sujeito: Não... futevôlei é difícil de ver né... se tivesse eu até veria... já vim aqui naquelas arenas que eles botam no verão... é bem legal...

Pesquisador: E o que te faz ser um frequentador do grupo?

Sujeito: Então... aqui eu tô entre amigos já... o pessoal é bem bacana... o jogos são bons... o Coronel cuida pra ficar equilibrado certinho... quando começa alguma brincadeira mais pesada o pessoal já acaba logo... e depois que você fica velho... não pra ficar no futebol mais... no futebol todo dia e voltava com uma pancada... trombava com alguém... aqui é menos perigoso isso aí...

Pesquisador: O que é preciso para frequentar o grupo?

Sujeito: Aqui não precisa nada não... nem saber jogar... (risos)

Pesquisador: A prática interfere na sua rotina? Você deixar de fazer algo para frequentar o grupo?

Sujeito: Antes eu trabalhava até mais tarde... aí não tinha tempo.. jogava uma bola lá em Bento Ferreira dez da noite... ia chegar em casa quase meia noite... mas aí fui diminuído o ritmo do trabalho e aí esse amigo meu me chamou pra jogar aqui... mas se tiver que fazer outra coisa... eu falto... não fico preso não....

Pesquisador: Como você observa a relação do grupo com o local em que a prática acontece?

Sujeito: É boa... já é nosso cantinho aqui... o caras nem colocam esses montes de cones deles porque já sabem que a gente vai chegar...

Pesquisador: Você mantém relações interpessoais com membros do grupo em momentos fora da prática?

Sujeito: Olha... sempre que tem um evento... uma festa... alguém que casa a gente tá junto... né... tem uma amizade bacana aqui...

Pesquisador: Como você define um bom jogador e um jogador ruim para o grupo?

Sujeito: Ruim é o cara que só vem pra ganhar... que reclama do outro time... reclama do companheiro... reclama da bola... esse é o cara ruim...

Pesquisador: E o bom?

Sujeito: O bom é o cara que vem aqui... não fica reclamando... interage com a galera... o cara bacana...

Pesquisador: Como são resolvidas as dúvidas de arbitragem nos jogos?

Sujeito: Então... isso aí cai na pergunta que você me fez aí agora... o cara ruim fica enchendo saco... não marca direito... aí tem q ficar voltando o ponto...

Pesquisador: Quais são as estratégias utilizadas para manter o grupo em atividade?

Sujeito: Não tem muita estratégia não... o pessoal já tem o compromisso aqui... e todo mundo vem...

Pesquisador: Você pode nos contar alguma história do grupo que tenha te marcado?

Sujeito: História... deixa eu ver... esse amigo meu que me convidou... vivia me falando que jogava muito... que não sei o quê... aí no primeiro dia aqui... eu nem nunca tinha jogado... cai no time do Aguiar e demos uma surras neles... tiveram que trocar o trio pra dar jogo... até hoje quando eu encontro eu sacaneio...

Pesquisador: Obrigado..

Sujeito: nada...

Transcrição entrevista

Pesquisador: Boa noite A... qual a sua idade?

Sujeito: Boa noite... 52 anos

Pesquisador: Profissão?

Sujeito: Operador de máquina

Pesquisador: A...qual é a sua trajetória com a prática esportiva e com o grupo que está inserido?

Sujeito: Tem muito tempo... jogo bola desde moleque... morava em um bairro que os moleques ficavam todos na rua o dia inteiro... estudava e depois era jogar bola.. isso quando era mais novo... depois era estudar e trabalhar e aí quando sobrava um tempinho que ia jogar bola com os amigos... era outra época... hoje em dia o pai não pode deixar mais o filho na rua (Frase exclamativa)

Pesquisador: E com o grupo?

Sujeito: Foi assim... eu sempre gostei de organizar pelada.. e uns 2 anos atrás estava só trabalhando...muito tempo sem jogar um futebolzinho.. aí comecei a falar lá na firma que a gente precisava marcar uma pelada... o pessoal foi gostando da ideia e agente marcou em uma quadra lá perto do trabalho mesmo... acabou que o pessoal do trabalho foi saindo... eu fui chamando outros.. o pessoal vai convidando e agora a gente tá aqui...

Pesquisador: entendi... agora A...o que configura um bom dia de prática para você?

Sujeito: O bom dia é aquele que ninguém se machuca... todo mundo vem brinca – não tem briga - ... vai embora sem confusão... sem machucar... não adianta o cara vir aqui... brigar... sair machucado...aí o cara não tá vindo pra relaxar...

Pesquisador: Você acompanha como torcedor as categorias principais do esporte em que pratica?

Sujeito: Já acompanhei mais... antigamente ia pra estádio.. torcia mesmo... hoje em dia só vejo o Flamengo na televisão mesmo e olhe lá... nem seleção vejo mais com essa vergonha que tá...

Pesquisador: O que te faz ser um frequentador do grupo?

Sujeito: Ah... é bom vir aqui... jogar uma bola... não tem briga... joga e depois vai pra casa tranquilo... uma hora ou outra que um mais esquentado arruma uma confusão... né? mas aí resolve rápido também... e já fica tranquilo outra vez...

Pesquisador: O que é preciso para frequentar o grupo?

Sujeito: Aqui não precisa nada não... só chegare falar com o pessoal que estamos aqui toda quarta...

Pesquisador: A prática interfere na sua rotina? Você deixar de fazer algo para frequentar o grupo?

Sujeito: Não... eu tenho o compromisso aqui... então minha mulher já sabe que quando dá a quarta e já vou vir do trabalho direto pra cá... as vezes fica brava porque tem algo na igreja pra ir.. mas eu não abro mão não... agora assim.. se tiver que trabalhar ou algo importante de família assim... aí eu falto

Pesquisador: Como você observa a relação do grupo com o local em que a prática acontece?

Sujeito: Assim... a gente joga aqui... então tem que preservar o lugar... também não é porque é não paga que pode esculhambar..

Pesquisador: Mas você acha que se fosse pra outro bairro... por exemplo.., ia ser a mesma coisa?

Sujeito: A gente já teve que mudar... né... eu mesmo preferia no campo... é melhor para os velhinhos... para vocês até ali (apontando para a avenida) dá pra jogar... mas aqui na quadra é bom também...

Pesquisador: Você mantém relações interpessoais com membros do grupo em momentos fora da prática?

Sujeito: Um ou outro sim... mas a maioria não...

Pesquisador: Esses que você mantém contato... você mantém por quê? Já conhecia... era do trabalho?

Sujeito: É...uns eu vejo sempre no trabalho...T... vai na mesma igreja que eu..

Pesquisador: A...como você define um bom jogador e um jogador ruim para o grupo?

Sujeito: Olha::... quando você fala bom assim... eu não falo do cara saber jogar bola não... não adianta o cara vir aqui driblar cem... fazer mil gols... que não é por isso que o cara é bom não... porque a gente vem aqui pra brincar... aqui o cara bom é o que joga tranquilo... sem picuinha... que sabe que todo mundo vai trabalhar no dia seguinte...você já viu aqui... tem vez que o cara quer ganhar a qualquer custo.. aí a gente é obrigado a chamar a atenção... esse é o jogador ruim...

Pesquisador: E como são resolvidas as dúvidas de arbitragem nos jogos?

Sujeito: Quando tá na dúvida demais... um tem que ceder... por exemplo assim... se foi dentro da área e tá na dúvida... a gente marca fora... ou devolve no goleiro lá atrás... pra amenizar..

Pesquisador: Quais são as estratégias utilizadas para manter o grupo em atividade?

Sujeito: Pô... você viu aqui o que eu passo... estava no campo lá...faltava um monte... aí tinha que ficar procurando do lado de fora pra completar... aí chamava... mandava o pessoal chamar.. aí o cara vinha uma.. duas semanas e já sumia... aí passamos aqui pra quadra né...

Pesquisador: Mas você acha que melhorou?

Sujeito: Olha... como eu te falei... eu preferia no campo por causa do meu joelho... mas aqui a gente tem time de fora... da para descansar melhor... lá ficava faltando gente para completar... os jogos ficaram até mais competitivos...

Pesquisador: E você acha que isso melhorou?

Sujeito: ah:... com certeza... o jogo ficou mais animado né... agora o cara sabe que se perder vai ficar um tempo do lado de fora... dá mais graça fazer o gol... eliminar o outro time...

Pesquisador: Você pode nos contar alguma história do grupo que tenha te marcado?

Sujeito: ah... já teve vez aqui que a gente estava jogando... aí começou a cair um pé d'água... T... medroso... quase se borrou quando caiu um raio mais forte (gargalhada alta)...

Pesquisador: A... obrigado pela entrevista...

Entrevista transcrita

Perguntas

Pesquisador: Boa noite F...qual é a sua idade?

Sujeito: 20 anos...

Pesquisador: Profissão?

Sujeito: trabalho no açougue de um mercado...

Pesquisador: F...qual é a sua trajetória com a prática esportiva e com o grupo que está inserido?

Sujeito: como assim... quanto tempo eu jogo bola?

Pesquisador: É... fala um pouquinho sobre o tempo em que joga bola... se já jogou em time ou só pelada mesmo... essas coisas...

Sujeito: Jogo bola desde que eu nasci... eu acho... jogava na rua direto...

Pesquisador: E clube... já jogou?

Sujeito: Joguei no Solvive (time que disputa competições de categoria de base) muito tempo... depois joguei o Sub17 da Desportiva...

Pesquisador: Depois do sub 17 parou?

Sujeito: É... depois comecei a trabalhar direto mesmo... aí só ficava jogando o municipal mesmo (campeonato de times amadores)... hoje em dia nem isso estou jogando mais não...

Pesquisador: E no grupo aqui?

Sujeito: Aqui deve ter quase um ano já...

Pesquisador: E entrou como?

Sujeito: o J que me chamou... eu jogava com ele na quadra... aí ele falou que estava jogando aqui... que precisava de gente... vim um dia.. aí gostei e to vindo até hoje aí...

Pesquisador: F... o que configura um bom dia de prática para você?

Sujeito: pô... eu gosto quando a pelada tá pegada... aquela emoção... tá ligado? Neguinho correndo pra caramba...

Pesquisador: mas e se a pelada tá assim...disputada e tal... e você só tiver perdendo?

Sujeito: isso aí não acontece não... você sabe (exclamação) (gargalhada alta)... não.... mas falando sério... se tiver perdendo tem nada não... o negócio é a pelada estar maneira...

Pesquisador: Mas você prefere jogar bem individualmente ou vencer a partida?

Sujeito: Cara... tem dia que eu tô deitando... aí quero nem saber do resultado... só de dar caneta.. chapéu (risos)...

Pesquisador: E você acompanha como torcedor as categorias principais do esporte em que pratica?

Sujeito: Como assim? Se eu vejo jogo?

Pesquisador: É...

Sujeito: Vejo...sou Flamenguista...

Pesquisador: O que te faz ser um frequentador do grupo?

Sujeito: Venho porque gosto de jogar bola... o pessoal é maneiro...

Pesquisador: Mas você poderia jogar em outro lugar... ou mais jogo contra...

Sujeito: Tem o time que eu jogo... mas aqui eu venho pra brincar...

Pesquisador: O que é preciso para frequentar o grupo?

Sujeito: Tem que ter a chuteira.. descalço não pode... acho que só isso mesmo..

Pesquisador: A prática interfere na sua rotina? Você deixar de fazer algo para frequentar o grupo?

Sujeito: Não... quando não dá pra vir... não venho

Pesquisador: Como você observa a relação do grupo com o local em que a prática acontece?

Sujeito: Normal... aqui é bom pra jogar... não paga nada...

Pesquisador: E você mantém relações interpessoais com membros do grupo em momentos fora da prática?

Sujeito: Não... tenho não....

Pesquisador: Como você define um bom jogador e um jogador ruim para o grupo?

Sujeito: O cara que joga bem... que sabe o que ter que fazer em campo... que não machuca os outros..

Pesquisador: E F... como são resolvidas as dúvidas de arbitragem nos jogos?

Sujeito: Quem sofreu pede....

Pesquisador: Mas e se tiver dúvida?

Sujeito: alguém devolve a bola pro outro... ou vê o que o pessoal achou...

Pesquisador: Quais são as estratégias utilizadas para manter o grupo em atividade?

Sujeito: O A.. pede direto pra gente trazer a galera...

Pesquisador: Você pode nos contar alguma história do grupo que tenha te marcado?

Sujeito: pô moleque... deixa eu pensar... (longa pausa)... teve uma vez que eu tomei uma caneta do A... que os caras me zoam até hoje... já dei umas dez de troco mas ninguém fala nada... só da que ele me deu todo sem querer... (risos)

Entrevista transcrita

Perguntas

Pesquisador: Boa noite Roberto... qual é a sua idade?

Sujeito: 53 anos...

Pesquisador: Profissão?

Sujeito: Tenho uma loja de peças automotivas... comerciante...

Pesquisador: Qual é a sua trajetória com a prática esportiva e com o grupo que está inserido?

Sujeito: Sempre joguei bola com os amigos... essa pelada aqui eu comecei a jogar porque o T...que era meu mecânico... jogava aqui... daí me chamou...

Pesquisador: E o que configura um bom dia de prática para você?

Sujeito: Pô cara... é bom quando o cara vem aqui desestressa sabe... ninguém cai na porrada... ninguém se machuca... porque olha só... eu jogava uma pelada num society que era todo jogo confusão... aí eu ia pra esquecer confusão de trabalho... chegava lá o pau comia... um querendo ferrar com o outro... aí malandro... eu falei... tô fora (frase exclamativa)

Pesquisador: R, você acompanha como torcedor as categorias principais do esporte em que pratica?

Sujeito: Vejo sim... pago premiere... minha mulher fica doida... se deixar até quarta divisão eu vejo... deixo a brahma gelando... quando chego do trabalho assisto tudo... quando não é jogo.. é programa de futebol... é tudo...

Pesquisador: E o que te faz ser um frequentador do grupo?

Sujeito: Pô cara... você vê aqui... a galera é muito boa... você vem pra cá sabendo que vai jogar sua bolinha... bater um papo com os caras e vai embora sem confusão... a não ser

assim.. que numa dividida machuque.. mas nem isso rola porque todo mundo tira o pé... só se for uma fatalidade mesmo...

Pesquisador: O que é preciso para frequentar o grupo?

Sujeito: Precisa de nada não... só chegar na quarta aí e não bagunçar a brincadeira nossa...

Pesquisador: E R...a prática interfere na sua rotina? Você deixar de fazer algo para frequentar o grupo?

Sujeito: Cara... já tento marcar tudo pra não atrapalhar... mas se tiver algo... obrigação assim... não deixo de fazer não...

Pesquisador: E como você observa a relação do grupo com o local em que a prática acontece?

Sujeito: É boa...aqui é bom pra jogar... os caras tinham que dar uma cuidada em algumas coisas... tem um negócio ali pra barco e tal... não custava os caras deixarem uma sala pra vestiário direito... pra gente tomar uma banho quando sai... mas também ia encher dessas pestes desses cracudos...

Pesquisador: Você mantém relações interpessoais com membros do grupo em momentos fora da prática?

Sujeito: Com alguns... o P... tá sempre lá na loja.. porque trabalha com peças também né...

Pesquisador: Mas marcam outras atividades... encontram família?

Sujeito: Não... mais de trabalho mesmo...e aqui...

Pesquisador: Como você define um bom jogador e um jogador ruim para o grupo?

Sujeito: joga muito aqui o cara eu não enche o saco... bate um papo com a galera... quer vencer... não vem pra ficar babando a brincadeira... e o cara que faz o oposto disso aí a gente nem quer aqui... porque aí o cara vem mais pra atrapalhar do que pra ajudar...

Pesquisador: Como são resolvidas as duvidas de arbitragem nos jogos?

Sujeito: o cara que tá mais perto pede... quem pediu não tem conversa... pediu acabou o assunto... se ficar discutindo muito outro do time devolve pra não ter conversinha...

Pesquisador: E Roberto... quais são as estratégias utilizadas para manter o grupo em atividade?

Sujeito: Ir chamando os amigos que vão vir pra se enquadrar no jeito que a gente brinca aqui... tinha vez que não estava completando... agora menos... que a gente tinha que chamar uns caras de fora... aí os caras vinham e bagunçavam aqui...

Pesquisador: Você pode nos contar alguma história do grupo que tenha te marcado?

Sujeito: Tem nenhuma história marcante não... que dê para eu te contar aqui agora...

Pesquisador: Obrigado...

Sujeito: Valeu...

